



**Universidade de Brasília**  
**Faculdade de Comunicação**  
**Curso de Comunicação Organizacional**

**Unb em foco:**

**Um panorama do imaginário social da UnB em 2020**

Tauan Lopes Balbino Soriano de Carvalho

BRASÍLIA

2020

Tauan Lopes Balbino Soriano de Carvalho

**Unb em foco:**

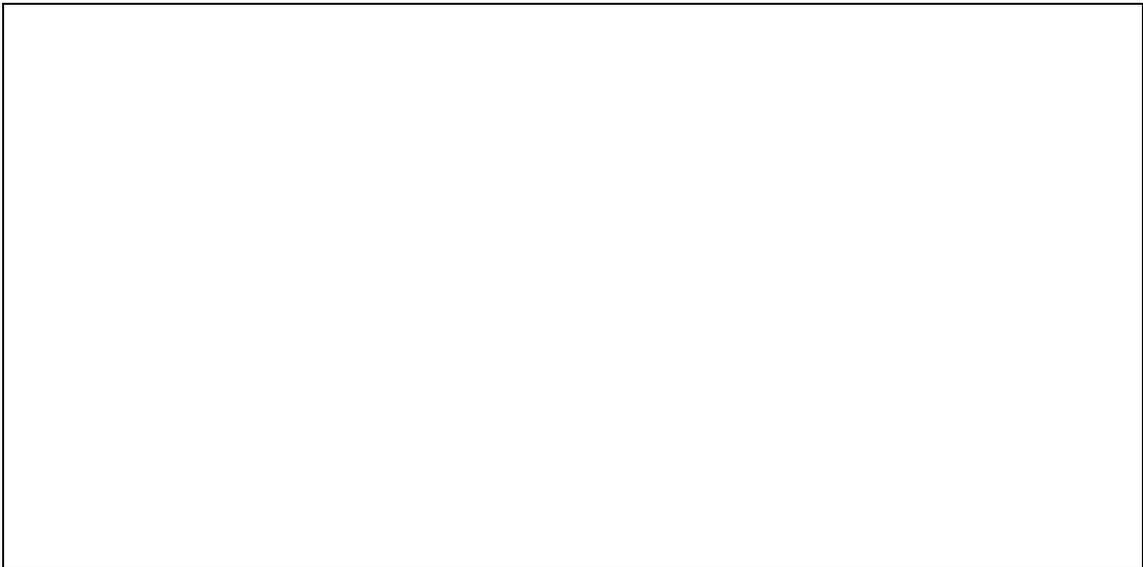
**Um panorama do imaginário social da UnB em 2020**

Monografia apresentada como requisito básico para  
obtenção do título de bacharel em Comunicação  
Organizacional pela Faculdade de Comunicação da  
Universidade de Brasília

Orientador: Gabriela Freitas

Brasília, DF

2020



## **AGRADECIMENTOS**

Este trabalho surgiu como fruto de minha paixão pela Universidade de Brasília, por todas as vivências e aprendizados que adquiri dentro de suas paredes e pela vontade de que todos possam viver experiências tão engrandecedoras e marcantes. Finalizo este ciclo totalmente transformado como indivíduo, cidadão e profissional e devo cada uma dessas transformações às pessoas citadas neste agradecimento.

Antes de todos, gostaria de agradecer à minha principal companheira de quase 5 anos e amor para toda a vida, Maya Moreno. Sua presença e seu suporte foram fundamentais em toda minha trajetória acadêmica e pessoal nos últimos anos, incluindo a realização deste trabalho. Eu não seria a pessoa que sou atualmente e certamente não realizaria este trabalho sem sua companhia, te amo imensamente e te agradeço por permanecer ao meu lado e por poder permanecer ao seu.

Também gostaria de agradecer às pessoas que mais marcaram minha passagem pela graduação na Faculdade de Comunicação: Máira Carvalho, Lorrane Fortes, Caio Julius, Pedro Filhusi, Vinícius Tolentino, Amanda Dimmes, Nicole Matiello, Aleson Estevam, Rafael de Gois, Gardênia Marinha. Muito obrigado por todos os conselhos, dicas, ajudas e apoios, que certamente foram cruciais para que fosse possível chegar até aqui.

Às professoras e aos professores que tanto marcaram todo o processo de desconstrução e reconstrução de ideias, de ampliação de visão de mundo e crescimento como ser humano, agradeço: Liziane Guazina, Fabíola Calazans, Fernanda Martinelli, Elis Regina, Janara Kalline, Élen Geraldês, Tiago Quiroga, Felipe Polidoro e, por fim e definitivamente não menos importante, minha orientadora Gabriela de Freitas, sem a qual a realização deste e de diversos outros processos ocorridos durante a graduação não seriam possíveis, obrigado por sempre partilhar de forma sincera sua visão de mundo e todo seu conhecimento.

Agradeço também às funcionárias e funcionários da FAC com as quais nutri boas amizades e que certamente farão falta no dia a dia: Christiane Araújo, Rogério da Costa, Ivoneide Brito, Daniel Caixeta e Leonardo Nascimento. Gostaria de agradecer especialmente a Rosa Helena por todo seu carinho e atenção e por ser uma pessoa maravilhosa.

Por toda a ajuda durante a realização deste trabalho, agradeço à Lídia Mamede, Guilherme Pimenta, Aisha Saiuri, Laís Novoa, Maíra Carvalho, Amanda Dimmes, Maya Macario e à minha psicóloga. Agradeço também a todes es entrevistades por cederem seu tempo para as entrevistas realizadas, sem todes vocês este trabalho não teria acontecido.

Agradeço a todes aqueles que me acompanharam durante a graduação e que certamente me acompanharão até o final de minha caminhada: Louise Campos, Viviane Morais, Roberto Ucci, Gabriela Brito, Amanda Dimmes, Celimar Barros, Matheus Adamian, Rachel Nihari, Vitória Wohlghemuth, lhes amo imensamente. À minha mãe Adriana Lopes e a meu pai Dmitri Carvalho agradeço pela vida e por todo o amor e apoio durante essa trajetória, à minha irmã Kaíra Lopes agradeço pelo amor e apoio de sempre.

Por fim agradeço a todos os guias e Orixás que sempre me acompanham e que me emprestam suas forças para que eu possa caminhar firme e bem.

## RESUMO

No Brasil de 2020, com o governo do presidente Jair Bolsonaro, as instituições de ensino superior públicas sofrem constantes ataques como cortes orçamentários, divulgação de discursos difamatórios e contingenciamentos. Essa problemática, iniciada no governo de Michel Temer, levanta a necessidade de uma movimentação em defesa dessas instituições, fator que implica em uma melhor compreensão do contexto para que se possam tomar ações efetivas. Compreendendo tais necessidades e percebendo o imaginário social como a esfera onde todos os conflitos sociais, discursos, ideias e saberes habitam, o objetivo do trabalho é compreender alguns aspectos do imaginário social da Universidade de Brasília, uma representante importante do ensino superior público brasileiro, no contexto político social de 2020. Propõe-se assim uma revisão bibliográfica acerca do conceito de imaginário, uma breve revisão do histórico da UnB e uma análise de depoimentos acerca da Universidade, de modo a perceber quais aspectos desse imaginário são revelados a partir das percepções individuais acerca da instituição, do conceito de Universidade, do papel da UnB em relação ao DF, da história da UnB e do papel da Universidade no contexto político atual. Sob essa ótica, percebe-se que o imaginário compõe um papel central nas lógicas de disputa política e que a Universidade de Brasília, em 2020, é atravessada por essas disputas, sendo seu imaginário um ponto comum para a compreensão de questões diversas, tanto relacionadas à instituição em si, quanto ao contexto sociopolítico atual. Dessa forma, analisar o imaginário social da Universidade de Brasília no contexto de 2020 gera diversas questões e direcionamentos que podem ser úteis para uma melhor percepção da instituição e sua história, assim como da história do país e de sua trajetória política.

**Palavras-chave:** Imaginário Social, Universidade de Brasília, Poder, Saber, Comunicação.

## ABSTRACT

In Brazil, in the year of 2020, with the government of President Jair Bolsonaro, public University education institutions suffer constant attacks such as budget cuts, disclosure of defamatory speeches and contingencies. This problem, initiated during the government of Michel Temer, raises the need for a movement in defense of these institutions, a factor that implies a better understanding of the context so that effective actions can be taken. Understanding such needs and perceiving the social imaginary as the sphere where all social conflicts, discourses, ideas and knowledge inhabit, the objective of the work is to understand some aspects of the social imaginary of the University of Brasília, an important representative of the Brazilian public University education, especially in the social political context of 2020. Thus, a bibliographical review about the concept of imaginary is proposed, a brief review of the history of UnB and an analysis of testimonies about the University, in order to understand which aspects of this imaginary are revealed from the individual perceptions about the institution, the concept University, the role of UnB in its relation to the DF, the history of UnB and the role of the University in the current political context. From this perspective, it is clear that the imaginary plays a central role in the logic of political dispute and that the University of Brasília, in 2020, is crossed by these disputes, with its imaginary being a common point for the understanding of diverse issues, both related to institution itself, regarding the current socio-political context. In this way, analyzing the social imaginary of the University of Brasília in the context of 2020 generates several questions and directions that can be useful for a better perception of the institution and its history, as well as the country's history and its political trajectory.

**Key Words:** Social Imaginary, Universidade de Brasília, Power, Knowledge, Communication.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Relações da antroposfera.....	20
Figura 2 - Imaginário social na antroposfera.....	21
Figura 3 - Estrutura original de formação na UnB.....	36
Figura 4 - Lista de entrevistadas.....	50

## **SUMÁRIO**

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>8</b>
<b>CAPÍTULO 1 .....</b>	<b>12</b>
<b>CAPÍTULO 2 .....</b>	<b>32</b>
<b>CAPÍTULO 3 .....</b>	<b>46</b>
<b>3.1 A imagem pessoal da Universidade de Brasília .....</b>	<b>51</b>
<b>3.2 O conceito de universidade.....</b>	<b>58</b>
<b>3.3 O papel da Universidade de Brasília em relação ao Distrito Federal .....</b>	<b>59</b>
<b>3.4 A história da Universidade de Brasília .....</b>	<b>63</b>
<b>3.5 Universidade pública x faculdade particular .....</b>	<b>65</b>
<b>3.6 A Universidade de Brasília e o momento atual.....</b>	<b>68</b>
<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>72</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>77</b>

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca compreender um pouco mais as características do imaginário social da Universidade de Brasília no contexto do Distrito Federal no ano de 2020. Esta intenção parte do fato de que atualmente vivemos um momento de disputa de narrativas políticas, dentro do qual a relevância e a imagem das universidades públicas vêm constantemente sendo colocadas em xeque. Por meio dessa compreensão, é possível traçar alguns discursos e temáticas que possuem mais relevância ou menos relevância, podendo figurar uma pesquisa mais aprofundada, ou até mesmo, uma arqueologia do tema em questão.

Desde o governo de Michel Temer, em 2016, com a PEC do teto de gastos e a consequente redução do orçamento das universidades públicas no Brasil, a Universidade de Brasília vem lutando pelo seu pleno funcionamento, pelo subsídio à pesquisa, à permanência dos estudantes e à preservação do espaço físico da Universidade, tentando se manter em concordância com o modelo de universidade inovador pensado por Darcy Ribeiro.

Apesar dos impactos negativos trazidos pelo corte de gastos concretizado por meio da PEC 241 durante o governo Temer terem surtido grande impacto nas universidades públicas, o teto é uma medida que diz respeito a todo espectro financeiro do país, não sendo algo diretamente direcionado ao ensino superior público. Porém, a partir do início do governo de Jair Messias Bolsonaro, ataques diretos às instituições de ensino superior público começaram a ocorrer sucessivamente, ocasionando manifestações ao redor do país, e tornando claro o posicionamento deste governo em relação a essas instituições.

Inserida nesse contexto, a Universidade de Brasília, a qual possui um histórico de resistência, tendo sido atacada pela Ditadura Militar dois anos depois de ser inaugurada, figura novamente, neste contexto, um espaço de disputa, ao lado das demais universidades públicas do país.

Devido a sua localização no centro do poder do país e por ter sido pensada para se tornar uma instituição capaz de dominar o saber humano, com objetivo de diagnosticar e resolver os problemas do país, a Universidade de Brasília é uma das, se não a primeira dessas instituições, a sofrer com esses ataques.

Acontecimentos como o contingenciamento de trinta por cento do orçamento da UnB, que também afetou universidades como a Universidade Federal Fluminense e a Universidade

Federal da Bahia, sob a justificativa de “balbúrdia”<sup>1</sup> anunciado pelo ministro Weintraub, no primeiro semestre de 2019 se estendem até o presente momento. É possível perceber tal ponto por meio do anúncio do fim das bolsas<sup>2</sup> do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) de iniciação científica para ciências humanas, o que torna cada vez mais difícil negar a intenção do sucateamento das universidades públicas.

A necessidade de defesa dessas instituições é evidente. Porém, apesar da existência de diversos pressupostos bem embasados acerca do momento atual, é necessário compreender o que pensam as pessoas sobre tais instituições, qual o papel da universidade em seus pontos de vista, qual grau de adesão dessas instituições na sociedade. É necessário compreender qual o local que uma universidade pública ocupa na mente das pessoas antes de tomar qualquer medida para resolver o problema.

Sendo assim, utilizando a Universidade de Brasília como exemplo destas instituições e compreendendo a vastidão do imaginário que a envolve, este trabalho reconhece a envergadura do esforço necessário para compreender esses aspectos de forma abrangente. Por conta disso, reconhece-se que é necessário dar um passo atrás, buscando entender, antes de tudo, alguns dos discursos e pontos de vista que mais se destacam neste universo, realizando uma pesquisa que precede a pesquisa. Esse caminho torna possível apontar direções e reduzir o escopo de investigação de uma pesquisa de grande envergadura, necessária para compreender de fato um imaginário como este e que pode vir a ser desenvolvida com objetivo de pensar a defesa da instituição universidade, representada aqui pela Universidade de Brasília.

Como dito anteriormente, em contextos de disputas de narrativas hegemônicas, as universidades são algumas das primeiras instituições a serem atacadas, como é possível perceber, por exemplo, com o período da Ditadura Militar no Brasil, no qual as universidades foram duramente perseguidas por subversão, e com o momento atual, no qual as universidades sofrem cortes e têm sua integridade posta em cheque por membros do governo.

Isso ocorre, pois, de acordo com Foucault (2008), o saber e o poder possuem uma relação indissociável, em que todo saber possui uma relação intrínseca com o saber, não há

---

<sup>1</sup> Fonte: <https://educacao.estadao.com.br/noticias/geral,mec-cortara-verba-de-universidade-por-balburdia-e-ja-mira-unb-uff-e-ufba,70002809579> . Acesso em 29/11/2020

<sup>2</sup>Fonte: <https://www.adunb.org/post/cnpq-decreta-fim-das-bolsas-de-inicia%C3%A7%C3%A3o-cient%C3%ADfica-para-ci%C3%A4ncias-humanas> Acesso em 29/11/2020

relação de poder que não venha com a criação de um saber e vice-versa. Logo, as universidades, principalmente a UnB, criada com o intuito de desconstruir e gerar novos saberes, se tornam inevitavelmente palcos para essa disputa política, que se estende para seus interiores, seja por meio dos debates ou das mudanças ocorridas dentro de suas estruturas.

Todos os aspectos que precisam ser percebidos para gerar uma compreensão do terreno no qual a universidade está inserida, além da forma como ela é enxergada, estão presentes, de acordo com Baczkó (1985), no imaginário social. Por conta disso, se faz necessário perceber como esse imaginário funciona e quais discursos, opiniões etc. o compõem. Com base nisso, este trabalho busca compreender alguns dos aspectos desse imaginário social, levando em conta as limitações que possui. De acordo com o mesmo autor, essas disputas políticas se dão também no próprio âmbito do imaginário, fato que reforça a necessidade de compreendê-lo.

É necessário promover uma visão positiva acerca das universidades públicas, pois, sendo melhor compreendidas terão mais adesão por parte da sociedade e, conseqüentemente, serão defendidas com mais afinco, tornando mais difícil para qualquer governo ameaçar sua existência e integridade.

Sendo assim, o objetivo geral deste trabalho é auxiliar a compreensão de alguns aspectos do imaginário social da Universidade de Brasília, ressaltando discursos e pontos de vista que podem ser mais relevantes para a compreensão de uma parcela mais vasta desse imaginário. Com isso em vista, os objetivos específicos são (1) Compreender o conceito de imaginário social e esclarecer sua relação com o poder; (2) Apresentar um breve histórico da Universidade de Brasília; (3) Compreender alguns dos discursos presentes no imaginário social da Universidade de Brasília em 2020.

A proposta metodológica desta pesquisa se constituiu a partir de uma revisão de literatura acerca do conceito de imaginário, apoiada nos autores Bronislaw Baczkó (1985) e Edgar Morin (1991), necessários para compreender o que é o imaginário social e suas características além de iniciar a compreensão de sua relação com o poder.

Além destes também é utilizada a obra “Arqueologia do Saber” de Michel Foucault (2008), que faz parte do método foucaultiano de escavação dos discursos, documentos e materialidades e discorre também acerca da relação entre saber e poder, necessária para a compreensão completa da relação entre o imaginário social e o poder.

Foucault possui uma percepção acerca de documentos históricos, que considera livros, filmes, depoimentos e manifestações culturais diversas como relevantes para a compreensão da história. Com base nisso, para traçar o breve histórico da UnB, foram utilizados livros como “Universidade de Brasília” (2012), organizado por Darcy Ribeiro, o qual traz a ideia original de Darcy para a Universidade de Brasília, além de filmes como “Barra 68”, de Vladimir Carvalho, para entender a relação entre a UnB e a Ditadura Militar.

Para direcionar um pouco mais esta pesquisa, a metodologia do trabalho foi construída em cima de duas hipóteses. A primeira delas diz respeito às três instâncias que compõem a Universidade de Brasília, sendo elas técnicos administrativos, docentes e estudantes, e assume que cada uma dessas instâncias, devido a sua separação, possui uma visão consideravelmente diferente sobre a UnB. A segunda delas assume que, aqueles que possuem vínculo institucional com a UnB têm uma visão sobre ela muito diferente daqueles que não possuem esse vínculo. Com base nisso foram escolhidos os entrevistados, que apresentaram seus pontos de vista acerca da Universidade de Brasília. Essas entrevistas serão utilizadas para apreender uma parcela do imaginário social da Instituição.

Para a realização e análise dessas entrevistas, foi utilizado o método da entrevista longa apresentado pelo antropólogo Grant McCracken (1988), em seu livro “The Long Interview”. Este método possui o objetivo de investigar categorias culturais, suposições e temas quando a imersão total no contexto estudado é impraticável ou impossível. Tendo em vista o contexto pandêmico de impossibilidade do contato pessoal, este método foi a escolha ideal para a análise das entrevistas, pois tornou possível a extração dos discursos e temas das entrevistas analisadas.

Sendo assim, essa pesquisa está dividida em três capítulos. O primeiro deles articula os conceitos trazidos pelos autores selecionados para esclarecer a noção de imaginário e compreendê-lo como um componente chave nas disputas de poder. O segundo capítulo irá trazer um breve histórico da Universidade de Brasília, com o objetivo de contextualizar minimamente a discussão apresentada e, por fim, o terceiro capítulo trará os principais tópicos percebidos nas entrevistas, relacionando-os com o material coletado sobre o imaginário e a Universidade de Brasília.

## CAPÍTULO 1

Antes de iniciar a exploração do conceito de imaginário pelos autores escolhidos, é importante trazer o significado do termo “imaginário”, cujo significado mais comum de acordo com o Dicionário Michaelis é

- Adj(adjetivo)  
Que só existe na imaginação, que não é real; fictício, ilusório: “Sorriu de súbito aflagando o lábio superior como se alisasse um imaginário bigode” (CL).
- Sm(substantivo)  
1 ANT Aquele que fazia estátuas ou imagens sobretudo religiosas; imagineiro, santeiro.  
2 O que faz parte do campo da imaginação.  
3 POR EXT Conjunto de características, valores e símbolos de grupo de pessoas ou de um povo ou comunidade: “Meu Deus, o que será do Brasil se lhe roubam o imaginário?” (NP)<sup>3</sup>

Sendo assim, partindo da premissa de multiplicidade de significados do termo, é válido ressaltar que o entendimento de imaginário para este trabalho relaciona-se mais estreitamente com a terceira definição encontrada no verbete, fator que será explorado mais adiante neste texto.

As concepções de imaginário trazidas por cada um dos autores escolhidos possuem pontos fundamentais em comum. Ao mesmo tempo, apresentam certas divergências e especificidades no que tange ao esclarecimento do termo, as quais são importantes para a compreensão do conceito de imaginário. Neste trabalho, apresenta-se tanto os aspectos concordantes quanto os divergentes, na tentativa de esclarecer a alguns aspectos deste imaginário, estabelecendo uma base comum de entendimento que torne possível a exploração do imaginário específico da Universidade de Brasília em 2020.

O primeiro destes autores, Bronislaw Baczko, fala da época de 1960 na qual a ascensão dos estudos sobre o imaginário foi expressiva. De acordo com ele houve um deslocamento da palavra “imaginação”, em que essa se move do campo das artes<sup>4</sup>, local no qual era mais associada ao lúdico e ao ilusório, para o campo das ciências humanas, onde começou a ser relacionada com termos como “social” e “coletiva”.

---

<sup>3</sup> IMAGINÁRIO. In: MICHAELIS, Dicionário da Língua Portuguesa. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=imagin%C3%A1rio>. Acesso em: 13/11/2020

<sup>4</sup> Este pertencimento prévio ao campo das artes, pode ser percebido no trecho “A associação entre imaginação e poder continha algo de paradoxal, ou mesmo de provocatório, na medida em que um termo, cuja acepção corrente designava uma faculdade produtora de ilusões, sonhos e símbolos, e que pertencia sobretudo ao domínio das artes, irrompia agora num terreno reservado as coisas “sérias” e “reais”. (Baczko, 1985, p.296)

Se nos virarmos para as ciências humanas, é fácil verificar que a imaginação, acompanhada pelos adjectivos “social” ou “colectiva”, ganhou também terreno no respectivo campo discursivo e que o estudo dos imaginários sociais se tornou um tema na moda. (BACZKO, 1985, p.297)

De acordo com o autor, este deslocamento também levou, no contexto da época, a uma menor associação do termo imaginação com seu significado “primário”, assim, “é de sublinhar que, naquele discurso, o ‘imaginário’ se dissocia cada vez mais de significados tradicionais, tais como ‘ilusório’ ou ‘quimérico’.” (BACZKO, 1985, p.298). Apesar disso, em verbetes como o apresentado acima, os primeiros significados tendem a ser relacionados ao “campo da imaginação”, ao passo que a ideia de conjunto de valores e símbolos de um grupo, nem mesmo aparece em alguns dicionários digitais, como o Priberam<sup>5</sup>.

i·ma·gi·ná·ri·o  
(latim imaginarius, -a, -um)  
adjetivo  
1. Que só existe na imaginação. ≠ REAL  
2. Que só pela imaginação se pode alcançar.  
3. [Matemática] Diz-se de um número complexo que tem parte real igual a zero.  
substantivo masculino  
4. Aquele que faz estátuas de santos. = SANTEIRO  
5. O que pertence ao mundo da imaginação.

Esta pluralidade de significados dos termos “imaginário” e “imaginação” é trazida pelo autor em seu texto durante seu esforço de definir o significado do termo “imaginação social/imaginário social”.

Em um primeiro momento, Baczko ressalta a polissemia dos vocábulos em questão e atrela a múltipla possibilidade de significados ao fato de que ambos os termos “Remetem, com efeito, para um dado fundamental da condição humana, e é por isso que a sua definição nunca pode ser considerada adquirida.” (BACZKO, 1985, p.309).

A partir disso, o autor tece uma pequena análise sobre as palavras “imaginário” e “social” e começa a apresentar sua percepção do significado do termo. Baczko compreende o imaginário como um aspecto da vida social, uma parte da atividade global dos agentes sociais que constituem diversos pontos de referência no grande sistema simbólico que toda coletividade produz e através do qual essa coletividade se percepção, se divide e elabora seus objetivos.

---

<sup>5</sup> IMAGINÁRIO, In Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2020, <https://dicionario.priberam.org/imagin%C3%A1rio>. Acesso em 13/11/2020.

Ou seja, para Baczko, é através dos imaginários sociais que um grupo, uma sociedade, se percebe, estabelece uma identidade, estabelece seus papéis, compartilha suas crenças e, inclusive, constrói e compartilha seus arquétipos (Baczko, 1985). Essa compreensão do autor é de grande relevância para o presente trabalho, pois estabelece o imaginário como uma esfera diretamente relacionada ao funcionamento das sociedades, logo, estabelece que o entendimento desta esfera é capaz de revelar crenças, regras, discursos e ideias presentes nesses grupos.

Com base nessa compreensão, o autor define imaginário social como

(...)uma das forças reguladoras da vida colectiva. (...) O imaginário social é, pois, uma peça efetiva e eficaz do dispositivo de controlo da vida colectiva e, em especial, do exercício da autoridade e do poder. Ao mesmo tempo, ele torna-se o lugar e o objecto dos conflitos sociais. (BACZKO, 1985, p.309)

Esta definição é a base para o entendimento do autor de que, o imaginário possui uma centralidade nas disputas de poder e que o seu domínio é algo crucial para a aquisição e manutenção de poder nas sociedades contemporâneas, fator que se relaciona diretamente com o momento de disputas políticas vivido atualmente.

Ainda pensando sobre esta nova interpretação do termo que surgia na década de 60, que aparentemente inaugurou um novo campo de estudos, Baczko se perguntou, “mas seria este campo realmente uma novidade? Ou seria apenas uma nova interpretação de problemas antigos?”, referindo-se à possibilidade de que, aquele campo que aparentemente surgia como novo, talvez fosse apenas uma nomeação, uma percepção de algo que já havia sido amplamente trabalhado indiretamente ao longo da história.

Para responder essa pergunta ele nos explica que, quando qualquer nova área de pesquisa é criada, inevitavelmente busca-se traçar uma tradição dessa própria área, pois, ao olharmos para uma situação problema hoje, somos levados a investigar no passado outros momentos em que essas mesmas questões geraram conflitos, reflexões, etc.

Tratar-se-á de uma problemática verdadeiramente nova ou, antes, da renovação de problemas bastante antigos? A resposta não pode deixar de ser matizada. Ao instalar-se, qualquer novo campo de pesquisas constitui, do mesmo passo, a sua própria tradição. A atenção que hoje é dedicada a certos problemas e fenómenos induz a busca, no passado, das observações, intuições e interrogações que eles suscitaram anteriormente. (BACZKO, 1985, p.299)

Em decorrência disso, o autor explicita que “aqueles que se interrogavam acerca

dos mecanismos e estruturas da vida social” também observaram a existência e as funções dos imaginários sociais, apesar de não o perceber como tal. Em face disso, o autor procede em uma pequena análise de autores que precederam essa “moda” do imaginário, como ele mesmo a chama, buscando observar como estes trataram do tema anteriormente e, dessa forma, iniciando uma pequena observação do que constituiria essa tradição do campo do imaginário.

Antes de aceder a esta análise histórica, o autor discorre acerca do fato de que qualquer sociedade, ao definir um sistema de representações (imaginário), também instaura guardiões para esse sistema e ressalta que, antes da implementação do Estado e da centralização do poder, as sociedades possuíam uma forma específica de lidar com seus imaginários, muito ligada aos mitos e rituais, o que as levava ao entendimento destes guardiões do imaginário, como, também, do sagrado (xamãs, pajés, etc.).

Ora, ao produzir um sistema de representações que simultaneamente traduz e legitima a sua ordem, qualquer sociedade instala também “guardiões” do sistema que dispõem de uma certa técnica de manejo das representações e símbolos. É certo que devemos ter cuidado ao aplicar um vocabulário moderno às sociedades “primitivas”, designadamente as que não conhecem um poder estatal. Nestes casos, tanto o imaginário social como as técnicas do seu uso são produzidos espontaneamente, confundindo-se com os mitos e os ritos. Do mesmo modo, os guardiões do imaginário social são, simultaneamente, guardiões do sagrado. (BACZKO, 1985, p.299-300)

A partir disso, o autor observa que após o advento do Estado essa forma de lidar com os imaginários perde seu caráter ritualístico.

Só com a instalação do poder estatal, nomeadamente o poder centralizado, e com a relativa autonomia a que acede o domínio político, é que as técnicas de manejo dos imaginários sociais se desritualizam, ganhando em autonomia e diferenciação. (BACZKO, 1985, p.300).

Ao perder seu caráter ritualístico, após a instalação do Estado, essa forma de lidar com o imaginário caminhou progressivamente para uma lógica mais utilitária, que enxerga o imaginário como um instrumento. As disputas de poder que ocorreram a partir deste ponto na história, inclusive, intensificaram esse raciocínio instrumental para com o imaginário, segundo o autor. Esse ponto de vista, além de fundamental para o desenvolvimento da tese do autor, contribui, neste trabalho, para o início da compreensão da função de um imaginário social em meio às disputas políticas. Mostra que, para que se proteja uma instituição, é necessário manusear seu imaginário e trabalhá-lo de uma forma que torne possível a projeção de uma imagem positiva dessa instituição.

Eventualmente, essa instrumentalização foi tomando formas cada vez mais refinadas, até que o *modus operandi* de manejar o imaginário começou a se amalgamar com a propaganda, criando práticas cada vez mais refinadas de manejo. É neste ponto que o autor nos apresenta pela primeira vez uma das principais considerações de seu trabalho, a dos riscos apresentados pela união entre as práticas de manejo do imaginário e as ferramentas da propaganda. Segundo Baczko (1985), essa junção representa perigo, principalmente nas mãos de um Estado autoritário, devido à ampla capacidade da propaganda moderna de fabricar e manipular as emoções e imaginários coletivos.

Em seguida, adentrando sua análise histórica pelo caminho do imaginário dentro das ciências humanas, Baczko ressalta o fato de que, após a segunda metade do século XIX algumas correntes de pensamento consideravam as ideias, logo, o imaginário, como um objeto subalterno no caminho para o entendimento da realidade, tratando-o inclusive como um empecilho para essa compreensão.

Esta forma de encarar o papel do imaginário social é explorada em seu processo de análise de autores considerados centrais para o estudo das ciências humanas. Baczko transita por nomes como Aristóteles, Maquiavel, Marx, Durkheim e Weber, e, em todos estes, o autor percebe a presença do imaginário, em geral, como uma posição secundária, fora do centro de importância destes estudos.

Após nomear Marx, Durkheim e Weber como autores pertencentes a um “campo clássico das pesquisas sobre os imaginários sociais”, o autor traz que a influência de outras áreas do conhecimento, tal como a psicanálise, traçara caminhos para a compreensão da centralidade do imaginário social nos estudos das humanidades.

Esta análise acerca do local ocupado por esse imaginário, por esse mundo das ideias, realizada por Baczko em seu texto, pode ser diretamente relacionada com a crítica realizada por Edgar Morin acerca do que ele nomeia como “sobre realidade” e “sub realidade” e reforça, novamente, a necessidade de compreensão dos imaginários como algo central. Essa percepção em Baczko, porém, deixa uma lacuna, pois demonstra a necessidade de se perceber e dar a devida relevância para o imaginário, mas não explica de forma aprofundada como e onde existe

esse imaginário, como ele funciona e o que, exatamente, ele abarca. Edgar Morin desenvolve sobre algumas dessas questões em seu trabalho.

Em seu livro “O método IV. As ideias”, Morin, ao introduzir a seção de seu trabalho, dedicada à vida das ideias, separa dois tópicos em seu texto para definir e exemplificar o que chama de “sobre realidade” e sub realidade”.

Estes dois termos cunhados pelo autor, se referem a diferentes formas de tratar o “mundo das ideias” que se mostraram presentes em diferentes correntes do pensamento ao longo da história. O primeiro deles, “sobre realidade”, se refere à interpretação deste mundo das ideias como algo superior, elevado a um status de superioridade e absolutez sobre a realidade física. Já o segundo, “sub realidade”, define o oposto, trata da visão acerca das ideias e de seu meio como algo inferior à realidade, como ferramentas para alguma finalidade ou como versões distorcidas da realidade material.

A partir da definição destes termos, Morin observa que ao longo da história, dentro das ciências humanas, essa forma de enxergar o mundo das ideias oscilou entre os dois extremos apresentados e critica as duas abordagens. Sua crítica é o início do desenvolvimento de sua teoria, que pode ser considerada, mesmo que indiretamente, uma forma de resolução para o impasse da importância e do lugar que o imaginário deve ocupar nos estudos sociais, anteriormente trazido por Baczko.

O mundo das ideias oscila entre o absoluto e o epifenómeno<sup>6</sup>, a sobre-realidade e a sub-realidade (...). Como vamos ver, se o primeiro erro consiste em acreditar na realidade física dos sonhos, deuses, mitos, ideias, o segundo erro consiste em lhes negar a realidade e a existência objetivas. (MORIN, 1991, p.96)

Iniciando a explicação de sua tese, Morin estabelece uma comparação com os textos do matemático Hermite<sup>7</sup>, a partir do qual explica um pouco melhor sobre o tipo de existência destas “coisas do espírito”<sup>8</sup>

---

<sup>6</sup> Fenômeno acidental que acompanha outro, sobre o qual não tem influência. (inferior, decorrente de).

<sup>7</sup> Matemático francês, nascido em 1822 e falecido em 1901, foi o autor da primeira prova do carácter transcendental do número e.

O seu nome adjectiva uma série de entidades matemáticas: polinómio de Hermite, equação diferencial, fórmula de interpolação e matrizes. Desenvolveu um importante trabalho em teoria das funções, aplicando funções elípticas à equação geral do 5.º grau.

<sup>8</sup> Para Morin, espíritos são o mesmo que os cérebros individuais, como se pode perceber no trecho “a psicofera é a esfera dos espíritos/cérebros individuais”, logo, as “coisas do espírito” são as ideias, pensamentos.

Os números parece-me que existem fora de mim, impondo-se-me com a mesma necessidade, a mesma fatalidade, que o sódio ou o potássio”, escreve o matemático Hermite, Eles existem por necessidade, fatalidade, indubitabilidade, mas não da mesma maneira que o sódio e o potássio. Existem da maneira que é própria aos seres matemáticos. Os números são reais, embora não existam na natureza como tais. (...) Acontece o mesmo com as coisas do espírito, interrogamos sobre a sua realidade, nem física, nem material, mas que nem por isso faz parte da subjectividade pura. (MORIN, 1991, p.97)

Aqui o autor inicia a apresentação de sua visão sobre as ideias. Ele parte do pressuposto de que elas são reais, algo que existe, porém existe em sua forma específica. É uma realidade “nem física, nem material, mas que nem por isso faz parte da subjectividade pura” (MORIN, 1991, p.97) ou seja, que não existe fisicamente, mas não se encontra apenas no subjetivo.

Com relação à essa concepção acerca das ideias, no restante de seu texto, Morin nos apresenta ao conceito de noosfera, uma interpretação deste “mundo das ideias”, que o autor abraça e ressignifica em seu trabalho. Essa concepção é bastante relacionada com a lógica biológica e interpreta as ideias como seres vivos, atribuindo a elas alguma autonomia e compreendendo a noosfera quase como um bioma. De acordo com Morin, as ideias e a própria noosfera são produtos dos cérebros individuais, porém, ganham autonomia depois de serem criadas, como pode-se perceber no trecho: “Assim Popper chega à ideia em que se funda a realidade própria da noosfera: embora produzidas e dependentes, as coisas do espírito adquirem uma realidade e uma autonomia objectiva” (MORIN, 1991, p.98)

Dentro dessa mesma lógica, ele nos apresenta aos conceitos, como as “coisas do espírito” e os “seres do espírito”, que caracterizam a demografia da noosfera, como ele mesmo denomina. O autor traz que esta esfera é tão populosa e diversa quanto a biosfera, pois “comporta uma extraordinária diversidade de espécies, dos fantasmas aos símbolos, dos mitos às ideias, das figurações estéticas aos seres matemáticos, das associações, das associações poéticas aos encadeamentos lógicos” (MORIN, 1991, p.103). Vale ressaltar que nesse trecho também é possível observar alguns exemplos dos seres e das coisas do espírito, como os fantasmas, mitos, ideias etc.

Para Morin (1991), a noosfera emerge como uma realidade objetiva, dispondo de uma relativa autonomia e povoada de entidades chamadas seres de espírito, sendo essa “emersão” “saída das próprias interrogações que tecem a cultura de uma sociedade”, ou seja, um

surgimento a partir da cultura, demonstrando a relação intrínseca existente entre a noosfera e a esfera cultural.

Adiante, prosseguindo sua conceituação, relembra a relação entre seres humanos signos, símbolos e mensagens e a partir da lógica de tais relações, depreende que a noosfera, sendo a esfera das ideias e representações está presente em diversas de nossas relações.

Lembremos que vivemos num universo de signos, símbolos, mensagens, figurações, imagens, ideias que nos designam coisas, estados de facto, fenómenos, problemas, mas que, por isso mesmo, são os mediadores necessários nas relações dos homens entre si, com a sociedade, com o mundo. Neste sentido, a noosfera está presente em toda a visão, concepção, transacção de cada sujeito humano com o mundo exterior, com os outros sujeitos humanos, e, enfim, consigo próprio.

(MORIN, 1991, p.102)

Ele ainda destaca que a forma de adentrar a noosfera se dá de forma subjetiva e que sua função é intersubjetiva, mas que ela constitui objetivamente nossa realidade humana. (MORIN, 1991). A partir disso, o autor define a Noosfera e sua função da seguinte forma:

Essa esfera é como que um meio, no sentido mediador do termo, que se interpõe entre nós e o mundo exterior, para nos fazer comunicar com ele. É o meio condutor do conhecimento humano. (...) Do mesmo modo que as plantas produziram o oxigênio da atmosfera, agora indispensável à vida terrestre, assim as culturas humanas produziram símbolos, ideias, mitos que se tornaram indispensáveis às nossas vidas sociais. Os símbolos, ideias, mitos, criaram um universo *onde os nossos espíritos habitam*. (MORIN, 1991, p.102)

Após explicar a noosfera, Morin a contextualiza em relação a nossa realidade, a qual chama de mundo antro-po-social. Para ele “É necessário que articulemos a noosfera no mundo antro-po-social segundo um complexo trinitário: psicofera, sociosfera e noosfera” (p.109) e, para este fim, em seguida explica o funcionamento, a composição e a demografia da psicofera:

A psicofera é a esfera dos espíritos/cérebros individuais. É a fonte das representações, do imaginário, do sonho, do pensamento. Os espíritos/cérebros dão consistência e realidade às suas representações, sonhos, mitos, crenças. Eles elaboram a substância espiritual que vai formar os “seres do espírito”. (MORIN, 1991, p.109)

Morin faz o mesmo para a Sociosfera:

Mas a concretização dos mitos, deuses, das ideias, das doutrinas só é possível na e pela sociosfera: a cultura, produzida pelas interações entre espíritos-cérebros, contém a linguagem, o saber, as regras lógicas e paradigmáticas que vão permitir aos mitos, deuses, ideias, doutrinas, acederem verdadeiramente ao ser.

(MORIN, 1991, p.109)

Aqui, compreendemos uma relação entre a cultura, inserida na sociosfera, e a noosfera, relação em que ambas são atravessadas pelas mesmas “coisas do espírito” e “seres do espírito”, porém apresentam estas “coisas do espírito” de formas diferentes, em estados e formas diferentes. Como diz o autor:

As representações, os símbolos, os mitos, ideias, são englobados simultaneamente pelas noções de cultura e noosfera. Sob o ponto de vista da cultura, constituem a sua memória, os seus saberes, os seus programas, as suas crenças, os seus valores, as suas normas. Sob o ponto de vista da noosfera, são entidades feitas de substância espiritual e dotadas de uma certa existência. (MORIN, 1991, p.101)

Morin também ilustra a estrutura da antroposfera que, segundo ele, está imersa e englobada na Natureza (MORIN,1991) (biosfera e no Cosmos) por meio do quadro a seguir:

Figura 1 - Relações da antroposfera

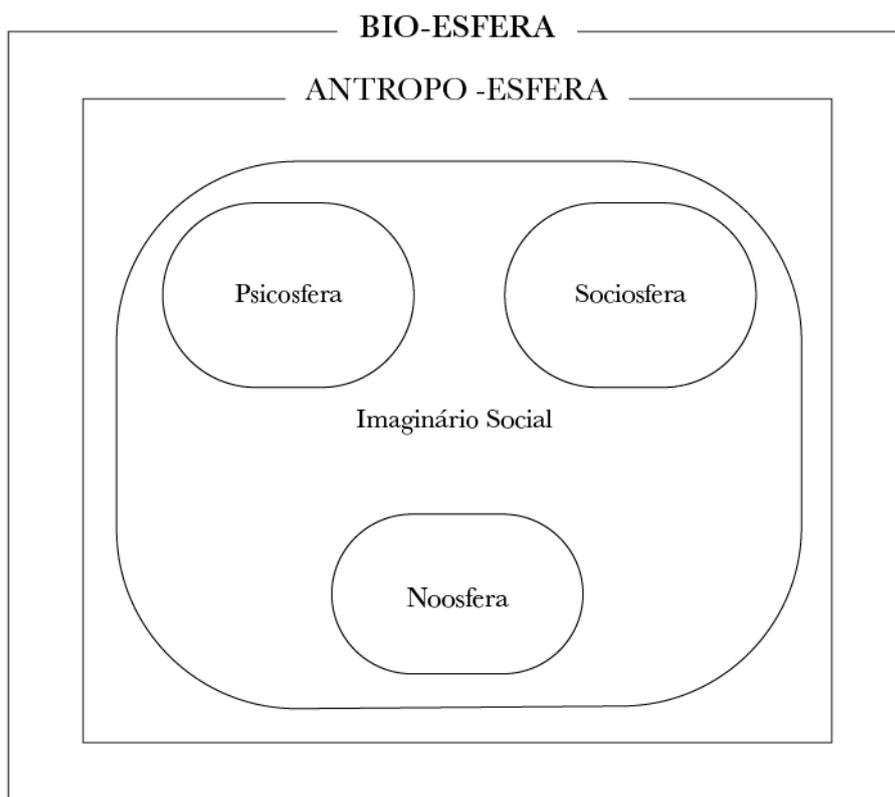


Fonte: MORIN, 1991, p.110

É importante observar que, ao pensar nas esferas constituintes de nossa realidade e em suas relações, Morin separou a cultura, que pertence à sociosfera, dos mitos, ideias e doutrinas, que foram colocados na noosfera. Essa concepção não permite que estabeleçamos uma relação

direta entre ela e o conceito de “imaginário social” de Baczko. Logo, para que possamos compreender como o conceito de imaginário social utilizado por Baczko se relaciona com tais esferas, é necessária uma adaptação deste quadro com a inserção do imaginário social em sua composição, já que o autor considera a cultura, os mitos e religiões como parte do imaginário social. Sendo assim, foi feita uma adaptação da figura anterior para este trabalho:

Figura 2 - Imaginário social na antroposfera



**Fonte:** Tauan L.B.S. de Carvalho, 2020

É necessário compreender, nesta dinâmica, o imaginário social como algo que engloba e se relaciona com todas as três esferas de Morin podem ao mesmo tempo, ou seja, elas fazem parte e compõem o imaginário social. A psicofera, apesar de dizer respeito às experiências individuais de cada “espírito”, de cada cérebro humano de acordo com Morin. Essa esfera acaba funcionando como a fonte das ideias, o local de onde elas retiram seu alimento e onde “nascem”, ou seja, ela diz respeito à esfera mais individual dentro da dinâmica apresentada. Esse fator poderia ser compreendido como uma razão para retirá-la de dentro do imaginário social, pois este diz respeito a categorias coletivas, e essa esfera é o domínio das categorias individuais. Tal ponto de vista, apesar de fazer sentido se defronta com o fato de que o coletivo e o individual são indissociáveis, assim como o poder e o saber em Foucault, eles se cocriam mutuamente em uma dinâmica onde os indivíduos são atravessados pelo coletivo, geram manifestações diversas que passam a compor o coletivo e o ciclo continua. De acordo com Morin, existe uma relação de troca, de mutualismo, de retroalimentação, entre as três esferas mutuamente onde cada uma se relaciona com a outra por meio do ciclo das “coisas do espírito”, na psicofera nascem essas ideias que tomam uma forma na sociosfera e assumem sua “forma de ideia” na noosfera, existindo propriamente lá. As ideias surgem e encontram alimento nos cérebros individuais, porém, não pertencem a eles, não pertencem à psicofera, ela apenas serve como um local de criação, difusão e fortalecimento dessas ideias, mas, sem ela, não seria possível que tais ideias existissem, em primeiro lugar. Dessa forma, é possível compreender que, de fato, à luz da bibliografia utilizada, o individual e o coletivo são indissociáveis e, de fato, todas. Por fim, é interessante observar que os formatos utilizados para representar as esferas foi modificado pois o quadrado não traduz, a meu ver, a maleabilidade e complexidade das relações existentes dentro de cada uma das esferas e do próprio imaginário social.

Retornando para o trabalho de Edgar Morin, o autor também nos confronta com a ideia de interdependência entre as esferas, onde estas são elementos constituidores umas das outras e necessitam umas das outras para existirem. Esta interpretação, como sublinhado anteriormente, possui um viés biológico, e nos apresenta tais relações da seguinte forma:

Os seres de espírito bio-antropo-morfos têm a sua fonte principal no pensamento simbólico-mitológico, os seres logo-morfos<sup>9</sup> abastecem-se principalmente no pensamento empírico racional (...) Os seres de espírito regeneram-se constantemente nas fontes que os geraram. Mas eles próprios são necessários para a regeneração da psicofera e da sociosfera. (...) Uma sociedade sem mitos de fraternidade não poderia realizar-se. Um espírito sem ideias não poderia

---

<sup>9</sup> O autor nos apresenta em outro momento de seu trabalho o conceito de tais seres “1) As entidades bio-antropomórficas, mitos e religiões, povoadas de seres com aparências animais ou humanas (génios, espíritos, deuses)” e “2) As entidades logomorfos, doutrinas, teorias, filosofias, que são sistemas de ideias”.

realizar-se. O mito co-produz a sociedade que o produz, a ideia co-produz o espírito que a produz (MORIN, 1991, p.101)

Além disso, Morin ressalta que estas relações não estão sempre em equilíbrio e uma esfera pode subjugar a outra, fator que torna sua teoria mais palpável a certos fenômenos da sociedade e adiciona em complexidade. Assim, ele nos traz que:

Há simbiose, subjugação e exploração mútuas entre estas três instâncias, mas não de maneira equilibrada; há casos em que os mitos e os deuses têm tanta sede que vampirizam os humanos e as sociedades..., Mas também pode-se dizer que o indivíduo pode, eventualmente, escapar à força de sujeição exercida pela noosfera(...)" (MORIN, 1991, p.109)

Este raciocínio também pode ser compreendido da seguinte forma "As sociedades domesticam os indivíduos por meio dos mitos e das ideias que, por seu turno, domesticam as sociedades, mas os indivíduos podem, reciprocamente, domesticar as suas ideias e os seus mitos." (MORIN, 1991, p.109).

Por último, em Morin, temos que "Os seres de espírito multiplicam-se através das mil redes de comunicação humana, via o discurso, a educação, o endoutrinamento, a palavra, o escrito, a imagem." (MORIN, 1991, p.109). Esta concepção, pode ser relacionada com a ideia de Baczko na qual o autor diz que "O imaginário social torna-se inteligível e comunicável através da produção dos "discursos" nos quais e pelos quais se efectua a reunião das representações colectivas numa linguagem" (BACZKO, 1985, p.307-308).

Podemos inferir, a partir desta relação, que, de acordo com Baczko, é possível compreender os imaginários através dos discursos, pois estes efetuam a reunião das representações em uma linguagem e que, de acordo com Morin, nosso objeto de análise, o discurso, representa o meio através do qual esses discursos se multiplicam, se "reproduzem". É como se ao observarmos a forma de reprodução desses seres, buscando compreendê-los, tornássemos possível enxergar uma melhor imagem de seu habitat.

Este raciocínio nos leva ao terceiro autor a ser trabalhado neste capítulo, Michel Foucault que, em seu livro "A arqueologia do saber", estabelece uma metodologia não convencional de análise de discurso, para desvendar e compreender os saberes.

“A arqueologia do Saber” é o livro que fecha a 2ª fase do pensamento foucaultiano, chamada “fase arqueológica”, que é composta pelos livros, História da Loucura, O Nascimento da Clínica e As Palavras e as Coisas. Cada um desses livros possui uma contribuição para a construção da arqueologia de Foucault e, nesse sentido, o autor procura sistematizar o trabalho realizado em seus outros livros, porém, sem criar um método de fato:

O objetivo de Foucault não foi construir um método ou uma teoria porque não tinha material suficiente para isso, não tinha certezas o bastante para tais empreendimentos, não obstante, sua obra apresenta um procedimento de pesquisa que entende o discurso num nível pré-conceitual. (SIQUEIRA, 2016)

Seu objetivo com a arqueologia do saber é compreender como, ao longo da história, alguns saberes sofreram uma espécie de ascensão, tal como o saber científico, e outros foram “soterrados” - por isso arqueologia. Para isso, Foucault busca “(...) especificar um método de investigação que visa entender a ordem interna que constitui um determinado saber.” (GIACOMONI e VARGAS, 2010, p.122).

Antes de nos aprofundarmos nos conceitos da obra que são relevantes para este trabalho, é necessário trazer duas características do entendimento de Michel Foucault acerca da história. A primeira dessas características é a compreensão de que aspectos diversos da vida social, como músicas, discursos, filmes podem ser elevados ao status de documento para a percepção da história. Essa percepção considera a história feita apenas a partir de documentos materiais oficiais como algo datado e propõe uma nova abordagem na qual livros, objetos, costumes etc. são considerados relevantes por sua materialidade documental. Sobre isso, Foucault nos diz que:

É preciso desligar a história da imagem com que ela se deleitou durante muito tempo e pela qual encontrava sua justificativa antropológica: a de uma memória milenar e coletiva que se servia de documentos materiais para reencontrar o frescor de suas lembranças; ela é o trabalho e a utilização de uma materialidade documental (livros, textos, narrações, registros, atas, edifícios, instituições, regulamentos, técnicas, objetos, costumes etc.) que apresenta sempre e em toda a parte, em qualquer sociedade, formas de permanências, quer espontâneas, quer organizadas. (FOUCAULT, 2008, p.7-8)

Tal percepção do autor pode ser melhor compreendida por meio da interpretação feita por Marcello Giacomoni e Anderson Vargas em seu artigo “Foucault, a Arqueologia do Saber e a Formação Discursiva”, onde ambos analisam a obra de Michel Foucault.

(...) ele [Foucault] inaugura, ao menos em termos de método, uma nova história(...) uma forma de fazer história que eleva tudo aquilo que as pessoas disseram e dizem ao estatuto de

acontecimento. O que foi dito instaura uma realidade discursiva; e sendo o ser humano um ser discursivo, criado ele mesmo pela linguagem, a Arqueologia é o método para desvendar como o homem constrói sua própria existência. Nesta lógica, os sujeitos e objetos não existem a priori, são construídos discursivamente sobre o que se fala sobre eles. O corpo, por exemplo, só passou a existir a partir das modificações discursivas da passagem da Idade Média para a modernidade. Com o desenvolvimento da patologia, o corpo passa a ser percebido como um conjunto de órgãos, e a Medicina passa a discursivizá-lo, ou seja, a formular práticas e efetuar dizeres sobre ele. (GIACOMONI e VARGAS, 2010, p.122)

A segunda característica é a forma como Foucault enxerga o percurso da história. O autor não a compreende como algo linear, como uma linha reta de progressão infinita, mas sim como um devir histórico, considerando a dispersão como um elemento fundamental da análise histórica. Novamente, enxergando como datada, antiquada uma história que compreende esses aspectos sem continuidade como algo a ser apagado e propondo uma lógica que compreende tais aspectos como algo central.

Segunda consequência: a noção de descontinuidade toma um lugar importante nas disciplinas históricas. Para a história, em sua forma clássica, o descontínuo era, ao mesmo tempo, o dado e o impensável; o que se apresentava sob a natureza dos acontecimentos dispersos - decisões, acidentes, iniciativas, descobertas - e o que devia ser, pela análise, contornado, reduzido, apagado, para que aparecesse a continuidade dos acontecimentos. A descontinuidade era o estigma da dispersão temporal que o historiador se encarregava de suprimir da história. Ela se tornou, agora, um dos elementos fundamentais da análise histórica(...) (FOUCAULT, p.9, 2008)

Antes de adentrarmos na explicação do que é o saber em si, é necessário ressaltar que Foucault não considera o conhecimento como algo inerente ao ser humano, como algo dado, ele compreende que esse conhecimento foi criado em algum momento. Além disso, ele compreende que o conhecimento é uma forma de se chegar numa forma de verdade, mas, como o conhecimento não é natural, essa verdade se dá pela dominação, pois no momento em que alguma instância, tal como a ciência, domina um certo espaço da sociedade, ela ganha poder para dizer que a forma que ela desenvolve de se compreender tal verdade seria a forma correta, logo, não existiria uma verdade científica, mas sim, um discurso científico.

Para Foucault, o conhecimento precisa ser percebido dentro das relações de poder; o conhecimento é compreendido como uma ferramenta de dominação, pois, quando você chega em um local onde pode dizer a forma certa de se pesquisar e até mesmo qual conhecimento é o correto, você domina o caminho para se chegar até a verdade, que também foi criada. Assim, Foucault estabelece que, para ele, o que existe de relativo ao conhecimento, sua forma de concebê-lo é através do saber, como percebe-se no trecho:

Mas como ele concebe o conhecimento? Ou melhor, o que pode ser “relativo” ao conhecimento? Talvez o “saber”. E o que é saber em Foucault? Como o próprio diz na Arqueologia, “ao invés de percorrer o eixo consciência-conhecimento-ciência (que não pode ser liberado do index da subjetividade), a arqueologia percorre o eixo prática discursiva-saber-ciência”. O que isso significa? basicamente que o que interessa na arqueologia é um conhecimento como dominação, como prática discursiva e como pano de fundo para um discurso científico, não para uma verdade científica (SIQUEIRA, posição 1337-1438, 2016)

Sendo assim, como Foucault compreende o conhecimento por meio do saber e levando em conta sua visão não linear da história, para ele, o saber será sempre consequência de um conjunto desarranjado que acaba se organizando em um momento específico na história por conta da ação de práticas discursivas e não discursivas, a partir das diversas relações existentes na sociedade. Dessa forma, o saber é constituído na medida em que um certo ponto de dominação da sociedade está em disputa, no momento em que essas disputas acontecem, pois, o saber também é uma ferramenta de dominação.

O saber é fruto de lutas, de guerra e do desejo. Não do desejo que se demonstra através do discurso, mas pelo desejo ao próprio discurso. O saber é a luta contra um mundo que não tem regras, que não tem linearidade, que é descontínuo e frágil. Por isso que engendra relações de poder: o saber forma configurações de poder que ao mesmo tempo o dão força enquanto ele próprio justifica discursivamente esse poder.

(SIQUEIRA, posição 1386-1438, 2016)

Para Foucault, o saber pode ser entendido como uma esfera na qual os enunciados estão em conjunto mais ou menos organizados, em que estes podem, em um momento específico, por conta de fatores diversos, como sua coerência ou fatores externos, se transformarem em um discurso. E para ele, não há como uma prática discursiva existir sem um saber e não tem como um saber se formar sem uma prática discursiva. Logo, se comparado aos discursos, o saber é algo bem menos rígido e, por conseguinte, bem mais fértil para disputas e equívocos. Ainda, o saber pode ser visto como um mundo repleto de opções que precisam ser trabalhadas para serem transformadas em um discurso, por exemplo. É um conjunto muito maior e menos coeso que os discursos, feito de enunciados e elementos discursivos, que podem ou não serem utilizados em um dado momento.

Ainda de acordo com Siqueira (2016), como dito anteriormente, os discursos surgem por meio da ordenação de enunciados em um saber. Mas o que é discurso para Foucault? Para ele, o ponto principal da definição de um discurso é que ele, ao mesmo tempo, não possui relação direta com as palavras, e também não tem relação direta com as coisas. O discurso é um espaço entre uma coisa e outra, no qual é possível organizar aquilo que pode ser considerado

uma verdade, ou uma mentira, o que é uma ciência ou não e o que é lógico ou não em relação aos sujeitos que participam dos discursos.

Sendo assim, é necessário entender o discurso como um sistema, uma estrutura que abriga uma dispersão de enunciados. Ele é regido por regras, as quais são as formações discursivas, regras estas responsáveis por fazer com que alguns enunciados apareçam, e outros desapareçam. Foucault dá o nome disso de “ausências e presenças”.

Dessa forma, o discurso funciona como um elemento que constrói uma realidade conjunta com a realidade material, porém, Foucault compreende que existe uma realidade para além dos discursos. Essa realidade não pode ser absorvida completamente pelo olhar humano, ela necessita ser coberta por algum simbolismo, algum tipo de conjunto de signos tornando possível, para nós, organizar e definir as coisas que existem. Ou seja, construir essa outra realidade de uma forma mais palatável.

Ainda, é necessário compreender que o discurso é formado historicamente. Ele não nasce do nada e nem a partir da vontade das pessoas, mas depende que as pessoas o pratiquem para existir. Logo, ele é mutável, pode ser modificado de acordo com as pessoas. Foucault traz que a única coisa que dá materialidade para o discurso são arranjos que criam a positividade necessária para o discurso nascer. Essas “coisas materiais” que são arranjadas podem ser relações de poder, momento histórico, eventos históricos que acontecem etc. Sendo assim, tanto as pessoas quanto essas coisas contribuem para o nascimento ou para a modificação da organização dentro do discurso.

Como percebido anteriormente, conforme nos diz Siqueira (2016), Foucault define o saber e o discurso com base no conceito de enunciado. E o que é o conceito de enunciado? Foucault começa a definir o enunciado mostrando que ele não coincide com os conceitos de proposição, de ato de fala e de frase. Ele prova isso por meio de exemplos.

Foucault traz que o enunciado não é uma proposição, já que dois enunciados diferentes podem ser, do ponto de vista lógico, iguais. O exemplo que ele nos dá para isso são as proposições “ninguém ouviu” e “é verdade que ninguém ouviu”, pois apesar de ambas dizerem que ninguém ouviu, cada uma leva uma interpretação de contextos diferentes, logo, são enunciados diferentes.

O enunciado também não pode ser uma frase, pois existem enunciados que não são frases. O exemplo trazido por ele, é o da sigla “QWERTY”, a qual denomina um tipo específico de teclado, ou seja, é um enunciado que diz sobre o tipo do teclado, mas não é uma frase.

Por último, o enunciado também não pode ser considerado um ato de fala, que é um conceito da filosofia analítica. Para este caso, ele nos dá o exemplo e uma prece, a qual pode ter diversos enunciados, mas apenas um ato de fala. Foucault traz que poderia se dizer que a cada novo enunciado da prece, surge um ato de fala, mas isso seria compreender o ato de fala por meio do enunciado, o que é impossível, porque o enunciado ainda precisa ser definido.

A partir disso, Foucault nos diz que o enunciado não tem uma forma fixa, ele não é imutável, e que seu limite é o limite do signo, existe uma relação direta entre os dois. Ele lança então uma pergunta “seria a língua um enunciado por conter vários signos?” e responde com uma negativa, alegando que a língua é um sistema para a construção de enunciados, um suporte. Sendo assim, define o enunciado como uma função de existência, algo que se encontra entre as proposições, as frases, os atos de fala etc., e que dá possibilidade para a existência para essas mesmas coisas, por isso ele é uma função de existência.

É por meio das regras das formações discursivas que os enunciados vão emergindo e dando possibilidade de existência para as frases, proposições e atos de fala. O enunciado também vai dizer se essas frases, proposições e atos de fala, fazem parte ou não, são coerentes ou não, dentro de um saber específico. Logo, é possível perceber que quando os enunciados emergem, se organizam, eles formam um discurso. E esses discursos, por sua vez, junto com os enunciados, movimentam os saberes para posições de destaque ou de esquecimento.

Portanto, terminada a explanação dos conceitos que são importantes para este trabalho, é necessário estabelecer algumas relações com o imaginário, tendo em visto o fato de que Foucault possui o foco na análise de discurso, o que não é o objeto deste trabalho, assim como a arqueologia. O objetivo deste trabalho é compreender um pouco mais sobre um imaginário específico, e não realizar uma análise do discurso, ou uma arqueologia. A importância das relações e conceitos apresentados acima se dá nas interpretações que serão apresentadas a seguir, contribuindo, para a metodologia da pesquisa.

Com base na compreensão de que saberes são constituídos por discursos e enunciados, na mesma medida em que possuem relação direta com o poder, é possível depreender que os discursos também possuem esse tipo de relação. Retornando a Baczko, o qual considera os discursos uma forma de compreender e comunicar o imaginário social, pode-se dizer que o imaginário também possui relação direta com o poder, o que reforça a ideia de Baczko de que o manejo dos imaginários é necessário para se exercer o poder.

Posto isso, levando em conta o fato de que os saberes são constituídos, modificados e acendem ou descendem na lógica social em momentos de disputa de narrativa, em que uma lógica de poder hegemônica é desafiada, investigaremos, nesta pesquisa, quais discursos, narrativas e enunciados estão presentes no imaginário social para, depois, numa etapa posterior e futura, ser possível analisá-los do ponto de vista arqueológico.

Cabe dizer aqui que o presente trabalho busca enxergar a superfície do presente, uma pequena sessão dessa realidade para, com base no encontrado, futuramente realizar um mergulho mais profundo no conteúdo estudado. Sendo assim, é necessário trazer o ponto de vista de Agamben (2009) acerca do contemporâneo, necessário para a percepção de que é impossível apreender, conhecer completamente aquilo que é contemporâneo.

(...) contemporâneo é aquele que mantém fixo o olhar no seu tempo, para nele perceber não as luzes, mas o escuro. (...) Contemporâneo é, justamente, aquele que sabe ver essa obscuridade, que é capaz de escrever mergulhando a pena nas trevas do presente. (AGAMBEN, 2009, p.62-63)

Para o autor, enxergar essas trevas, essa obscuridade é “neutralizar as luzes que provêm da época para descobrir as suas trevas, o seu escuro especial, que não é, no entanto, separável daquelas luzes” (AGAMBEN, 2009, p.63). Para ilustrar esse “enxergar no escuro”, Agamben nos traz a explicação da astrofísica sobre o escuro que enxergamos no céu, diz ele que

No universo em expansão, as galáxias mais remotas se distanciam de nós a uma velocidade tão grande que sua luz não consegue nos alcançar. Aquilo que percebemos como o escuro do céu, é essa luz que viaja velocíssima até nós e, no entanto, não pode nos alcançar, porque as galáxias das quais provêm se distanciam a uma velocidade superior àquela da luz. (AGAMBEN, 2009, p.64-65)

O autor utiliza essa comparação para ilustrar o que significa enxergar o escuro, demonstrando que nele também é revelado luz, fator imprescindível, segundo ele, para se compreender a contemporaneidade, pois “o nosso tempo, o presente, não é, de fato, apenas o

mais distante: não pode em nenhum caso nos alcançar” (AGAMBEN, 2009, p.65). Portanto, para compreendê-lo, nos resta apenas enxergar as suas sombras.

Tal interpretação do contemporâneo e da forma possível de enxergá-lo, se assemelha inegavelmente ao processo arqueológico de Foucault, como ressalta, em seu texto, o próprio Agamben. “É algo do gênero que devia ter em mente Michel Foucault, quando escrevia que as suas perquirições históricas sobre o passado são apenas a sobra trazida pela sua interrogação teórica do presente.” (AGAMBEN, 2009, p.72)

Com base nisso, percebe-se que só é possível de fato compreender o que acontece no contemporâneo por meio de um processo de análise tal qual a arqueologia, que nos servirá de guia para o início do trabalho de levantamento acerca do imaginário social da Universidade de Brasília.

Vale ressaltar que a extensão da observação realizada neste capítulo acerca dos trabalhos de cada um dos autores citados deveu-se à intenção de traçar o caminho que utilizaram para desenvolver suas ideias, aproximando o leitor do entendimento total dos conceitos e, dessa forma, facilitando sua compreensão do conceito de imaginário social e de suas relações com os discursos, o poder e até mesmo com a lógica arqueológica de análise.

Por fim, é preciso resgatar os pontos principais aqui trazidos sobre o imaginário social. O primeiro deles, é que o imaginário social é algo que existe em todas as sociedades, englobando mitos, crenças, posições sociais, disputas políticas, cultura, discursos, enunciados etc. Ele também pode ser compreendido como uma junção entre a noosfera - mundo das ideias, e a sociosfera - esfera social, o qual existe e se relaciona de forma interdependente com a psicofera, a qual compreende os cérebros individuais, os indivíduos e suas percepções. Estando todas essas relações dentro da antroposfera.

Ainda, sobre o seu funcionamento, vale lembrar que, por ser decorrente de uma função muito básica da existência humana, o imaginário social acompanha e é modificado pelas mudanças ocorridas na sociedade. Por fim, vale ressaltar seu aspecto político e a pluralidade de outros imaginários existentes dentro dele, como o próprio imaginário da Universidade de Brasília.

Tendo todos estes aspectos esclarecidos, o foco agora se dará sobre um imaginário específico. Sendo assim, no capítulo seguinte, alguns aspectos chave da criação e da história da Universidade de Brasília serão observados, buscando estabelecer uma compreensão mínima acerca da história da Instituição.

## CAPÍTULO 2

Após realizar uma reflexão acerca do conceito de imaginário social, seu funcionamento e relevância, este capítulo adentrará brevemente no imaginário específico da Universidade de Brasília. A história da UnB será lembrada através de momentos de grande relevância para a formação da Instituição como a conhecemos hoje, momentos os quais serão aqui trazidos para traçar, de forma breve, o pano de fundo sobre o qual se construíram os discursos analisados no capítulo seguinte.

Visando embasar as análises que serão realizadas no capítulo seguinte, este capítulo contará um pouco da história da Universidade de Brasília, falando um pouco sobre seu principal idealizador Darcy Ribeiro e passando para sua criação, focando principalmente no plano original de Darcy Ribeiro e Anísio Teixeira. Depois serão trazidos mais brevemente outros acontecimentos centrais para a universidade, como as invasões da ditadura militar, o Reuni e a política de cotas. Ao passo que a história da UnB for trabalhada, também serão mencionados os impactos causados na estrutura da universidade pelos acontecimentos citados.

Para isso, serão trazidos textos e falas do próprio Darcy Ribeiro retirados de documentários, registros do Ministério da Educação acerca dos acontecimentos históricos da Universidade, o Plano Orientador de construção da Universidade, trechos dos documentários “Barra 68”, de Vladimir Carvalho e “O Brasil de Darcy Ribeiro”, série digital dirigida por Vera Magalhães, e outras referências utilizadas para embasar e explicar outros momentos da história da universidade. Essa análise histórica com base em materiais como filmes, depoimentos, músicas e outros produtos culturais é de extrema importância na visão de Michel Foucault, o qual considera esses produtos culturais como documentos relevantes para a história, como afirmamos anteriormente.

Darcy Ribeiro, um dos fundadores e principal idealizador da Universidade de Brasília, foi um antropólogo, escritor e educador mineiro, nascido em 1922 na cidade de Montes Claros. Um dos maiores intelectuais do Brasil, formado em antropologia pela Escola de Sociologia e Política de São Paulo, Darcy dedicou boa parte de sua carreira à proteção dos povos indígenas tutorado por muitos anos pelo marechal Rondon. Anos depois, Darcy deixou o campo como etnólogo e iniciou seu caminho na carreira de educador, na qual seu mestre foi Anísio Teixeira,

co-fundador da Universidade de Brasília, pela qual seria nomeado com o título de doutor Honoris Causa, além de ter seu nome emprestado ao primeiro campus da universidade<sup>10</sup>.

A Universidade de Brasília, chamada por muitos de a utopia de Darcy Ribeiro, foi planejada e construída a partir de um plano que a tornou única, tanto em suas estruturas quanto em sua lógica de ensino, que se diferencia até hoje da maioria das universidades brasileiras. A Instituição foi instaurada pelo Poder Executivo em 15 novembro de 1961, pela Lei nº 3998.

Na época de idealização da Universidade de Brasília, o Brasil vivia um momento histórico de crescimento, de expansão e de mudanças muito fortes, todas de certa forma simbolizadas pela construção de Brasília (“50 anos em 5”) e pela figura desenvolvimentista de Juscelino Kubitschek. É nesse contexto que Darcy, amigo pessoal de JK, luta dentro do governo pela construção da universidade, pois mesmo nesse contexto de expansão, não queriam uma universidade em Brasília.

Pois, assim como disse Darcy Ribeiro no documentário “Barra 68”,

A luta para criar a Universidade de Brasília foi terrível, porque havia oposição também, havia gente que dizia ‘Brasília não pode ter duas coisas: operários fabris fazendo greve e estudante fazendo baderna’, então não queriam aqui nem indústria, nem universidade. (BARRA 68, 2001)

Segundo Darcy, a Universidade de Brasília traria uma tradição mais adequada do que significa ser universidade, possibilitando atribuir de fato esse status ao nosso ensino superior. Dessa forma, a criação da Universidade de Brasília era uma oportunidade dupla. Primeiramente porque, segundo ele, era imprescindível para a capital a existência de uma universidade nos moldes da UnB, para que a cidade pudesse estabelecer vínculos com os principais centros culturais do Brasil.

É certo que a nova capital manterá necessariamente estreitos vínculos com os principais centros culturais do país. Mas não poderá depender exclusivamente deles e, sobretudo, não será capaz de compreendê-los, de utilizá-los e de estimular-lhes o desenvolvimento se não constituir-se, ela própria, em centro cultural autônomo, à altura dos melhores. (RIBEIRO, 2012, p.19)

E segundo, para dar retorno ao momento de crescimento do país com uma universidade que tivesse “o inteiro domínio do saber humano” e que não gerasse esse saber “como um ato

---

<sup>10</sup> Fonte: <https://www.academia.org.br/academicos/darcy-ribeiro/biografia#:~:text=Darcy%20Ribeiro%2C%20antrop%C3%B3logo%2C%20educador%20e,17%20de%20fevereiro%20de%201997> . Acesso em: 22/11/2020

de fruição ou de vaidade acadêmica, mas com o objetivo de, montada nesse saber, pensar o Brasil como problema” (RIBEIRO, 2012).

Para Darcy, era essa a universidade necessária para a época, era o que o ensino superior brasileiro e Brasília precisavam.

Para Darcy, o Brasil não tinha uma verdadeira tradição universitária a defender e preservar, porque a universidade brasileira, a rigor, diferentemente do que ocorrera em outros países das Américas nos quais elas foram criadas desde o século XVI, somente em 1920, já no século XX, foi instituída. (RIBEIRO, 2012, p.7)

O antropólogo não considerava a história das universidades brasileiras até aquele ponto, digna de se intitular uma história de fato universitária e embasou seu ponto de vista por meio de duas críticas principais. A primeira delas é feita em relação à estrutura das universidades na época, que ofertava poucas modalidades de formação devido à legislação da época e que separavam seus cursos em faculdades independentes, as quais defendiam fortemente a própria autonomia em detrimento da universalidade do conhecimento. Para Darcy, esse modelo não servia mais à realidade de mercado existente e nem à lógica da vida acadêmica.

Nossa tradição é de escolas independentes, ericadamente defensoras de sua autonomia, organizada para receber alunos graduados no curso secundário e segregá-lo para ministrá-los preparo profissional em algumas poucas modalidades de formação, autorizadas por uma legislação formalística e rígida. Alunos e professores de cursos equivalentes, duplicados na mesma universidade, se ignoram completamente. Assim, o ensino de Matemática, de Física, de Química, Biologia ou Economia, compartimentado em dezenas de províncias, a cargo de catedráticos autônomos, se repete, escola por escola, multiplicando equipamentos, instalações e professores. (RIBEIRO, 2012, p.11-12)

Já a segunda é focada na legislação da época, que obrigava as instituições a oferecerem cursos com grades curriculares idênticas e não permitia alterações em seus currículos com facilidade. Tal aspecto, segundo Darcy, acarretava grande possibilidade de escolhas prematuras de carreira.

Outro óbice institucional com que se defronta nosso ensino superior é a legislação casuística e rígida que estabelece receitas fixas para a graduação em cada categoria profissional. Currículos obrigatórios fixam as matérias que devem ser ministradas em cada série, ano após ano, do primeiro ao último, de cada curso. Nenhuma há de faltar, ainda que se tenha de improvisar um professor e os meios didáticos e fazer do ensino mera simulação. Nenhuma pode ser acrescentada, tal a pletora da lista mínima obrigatória. Entretanto, já é evidente para todos que, em seu desenvolvimento atual, as ciências e a tecnologia não podem ser contidas na estreiteza dessa compartimentação. (...) Essa rigidez tem, também, a consequência de condenar o jovem egresso do curso colegial a uma escolha definitiva e prematura da carreira. (RIBEIRO, 2012, p.13-14)

Visto essas críticas, Darcy pensou na necessidade de uma reforma universitária no país, mudança que, segundo ele, os melhores professores desses mesmos centros de ensino também enxergavam como necessária. Havia sido feitas, no passado, tentativas de romper com tal

estrutura. O projeto da UDF<sup>11</sup> e da própria USP foram tentativas de inovação e cisão com essa lógica defasada, porém, ambas passaram por processos que não permitiram o sucesso da empreitada. A UDF, projeto de Anísio Teixeira, mentor de Darcy Ribeiro, inclusive, foi fechada durante os tempos do fascismo.

Para ele, essa reforma era necessária, pois o Brasil não poderia depender de técnicas e saberes estrangeiros para o seu próprio desenvolvimento, caso desejássemos de fato, algum dia, alcançar autonomia como nação. Sendo assim, a criação de Brasília se mostrou como a oportunidade perfeita para a instauração dessa reforma, pois era uma cidade na qual um centro cultural e científico não poderia faltar, daí surge a UnB.

Nessas circunstâncias, nossa área de opção é bem estreita. Trata-se de escolher entre deixar que surja em Brasília, espontaneamente, uma série de escolas superiores precárias, como as que se vêm multiplicando em todo o país (...) ou aproveitar a oportunidade para, com os mesmos recursos, (...) dotar o país de uma universidade moderna, estruturada, nos moldes que vêm sendo recomendados pelos nossos mais capazes professores e pesquisadores. (RIBEIRO, 2012, p. 18)

O pensador da UnB também traz que, por se tratar de uma cidade artificial pensada do zero, Brasília necessitava mais ainda de uma universidade nos moldes apresentados, pois:

Acrece, ainda, que os diversos órgãos do público, transferidos para uma cidade artificial, necessitam da assistência de centros culturais e científicos que só uma universidade pode prover. Quando esses órgãos se encontravam no Rio de Janeiro, cidade dotada de tradição cultural própria e servida por grande variedade de instituições científicas, tal assessoramento se processava quase espontaneamente. Especialistas de todos os campos do saber podiam ser chamados a pronunciar-se sobre cada problema, em todas as fases de formulação de soluções por parte do Executivo, do Legislativo e do Judiciário. Com a transferência da capital para uma cidade nova, veem-se os poderes públicos diante do grave risco de perderem esse assessoramento intelectual e científico. (RIBEIRO, 2012, p.19)

A resposta de Darcy Ribeiro para essa necessidade foi a criação da UnB, a qual foi idealizada por ele e alguns dos maiores intelectuais do Brasil na época, tais como Anísio Teixeira, responsável pela criação do plano pedagógico e Oscar Niemeyer, responsável por pensar as estruturas da universidade.

Segundo o antropólogo, os objetivos da instituição eram:

(1) Ampliar as exíguas oportunidades de educação oferecidas à juventude brasileira; (2) Diversificar as modalidades de formação científica e tecnológica atualmente ministradas, instituindo as novas orientações técnico-profissionais que o incremento da produção, a expansão dos serviços e das atividades intelectuais estão a exigir; (3) Contribuir para que Brasília exerça, efetivamente, a função integradora que se propõe assumir, pela criação de um núcleo de ensino superior aberto aos jovens de todo o país e a uma parcela da juventude da América Latina e de

---

<sup>11</sup> A Universidade do Distrito Federal, criada em 1935 tendo como um dos idealizadores Anísio Teixeira.

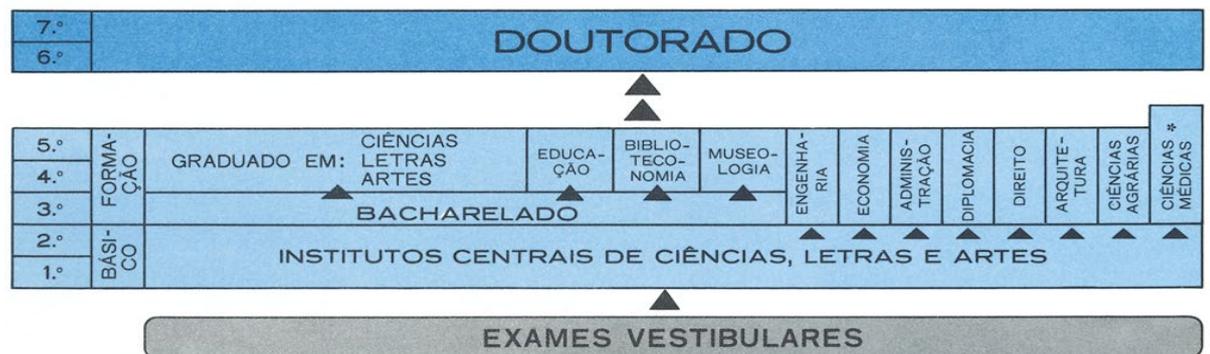
um centro de pesquisas científicas e de estudos de alto padrão; (4) Assegurar a Brasília a categoria intelectual que ela precisa ter como capital do país e torná-la, prontamente, capaz de imprimir caráter renovador aos empreendimentos que deverá projetar e executar; (5) Garantir à nova capital a capacidade de interagir com os nossos principais centros culturais para ensejar o pleno desenvolvimento das ciências, das letras e das artes em todo o Brasil; (6) Facilitar aos poderes públicos o assessoramento de que carecem em todos os ramos do saber, o que somente uma universidade pode prover; (7) Dar à população de Brasília perspectiva cultural que a liberte do grave risco de fazer-se medíocre e provinciana, no cenário urbanístico e arquitetônico mais moderno do mundo. (RIBEIRO, 2012, p.20)

Com base nos objetivos apresentados, a estrutura educacional e espacial da UnB foi pensada para congregar os diversos saberes humanos, ampliar o contato dos estudantes com as mais vastas possibilidades dentro de suas respectivas áreas antes de escolherem o caminho mais específico a se tomar, com uma lógica de funcionamento onde todos os estudantes teriam os dois primeiros anos de seus cursos juntos e, somente depois, iriam se especializando nos ramos com os quais se identificassem. Essa estrutura pode ser observada na figura:

Figura 3 - Estrutura original de formação na UnB

### ESCADA EDUCACIONAL BRASILEIRA

Vias de acesso à Universidade de Brasília



Fonte: Plano orientador da Universidade de Brasília (1962)

Além disso, a UnB também não poderia ser estruturada nos mesmos moldes administrativos aos quais eram submetidas as outras universidades federais do Brasil. Logo, foi recomendado e instituído que ela funcionasse como uma fundação, com autonomia em relação ao governo, porém, se mantendo como instituição pública. Uma “Fundação de caráter especial, como outras já criadas pelo Poder Público, por ele dotadas de patrimônio e providas nas necessidades de manutenção, para exercerem funções na alta relevância nacional”. Tal necessidade, além de garantir na lei de fundação da UnB, sua autonomia, gerou um sistema

administrativo peculiar em relação às universidades da época, que buscava tornar a condução da universidade a mais democrática e eficiente possível.

Segundo o plano original, as atividades da Universidade de Brasília deveriam se iniciar normalmente no ano de 1964, porém, em 9 de abril de 1964 ocorreu a primeira invasão da Ditadura Militar na Universidade, regime que marcou a primeira barreira para o projeto audacioso de Darcy Ribeiro e também para o corajoso projeto de nação de João Goulart.

Todo o imaginário inicial da universidade, carregado do espírito da inovação, do desenvolvimento, da preocupação com o povo brasileiro, fatores que eram também características de Darcy, não foram completamente perdidos, como disse José Geraldo de Sousa Junior em seu prefácio para o livro “Universidade de Brasília” de 2011, “Certamente, muito terá se perdido a partir das sucessivas interrupções e retomadas desse belo e generoso projeto, que nunca se deixou deslocar de seu impulso utópico originário.” (RIBEIRO, 2012, p.8). Porém, essas interrupções e retomadas pelas quais a instituição passou ao longo dos anos, geraram também diferentes discursos surgidos de diferentes imaginários. Alguns destes acontecimentos serão trazidos a seguir, como forma de refletir brevemente acerca dos caminhos tomados pela Instituição.

A primeira interrupção se deu pela ditadura militar pouco tempo depois da abertura da universidade que, segundo Darcy Ribeiro, no filme “Barra 68”, era muito odiada pela ditadura. De acordo com informações encontradas no site<sup>12</sup> da Universidade, no dia 9 de abril de 1964, a Universidade foi surpreendida pelos militares que chegaram em ônibus vindos de Minas Gerais. Os militares invadiram salas de aula, revistaram estudantes, procuraram material considerado subversivo e levaram professores para serem interrogados. Depois dessa invasão, alguns prédios da Universidade foram interditados e o então reitor Anísio Teixeira e seu vice, Almir de Castro, foram destituídos. No lugar dele foi nomeado reitor Zeferino Vaz, um interventor da Ditadura, quem se encarregou de demitir diversos professores.

A segunda invasão, ocorrida em 8 de setembro de 1965, veio como resultado de uma greve de 24 horas, feita por conta da demissão arbitrária de três professores. Alguns dias depois, os estudantes também aderiram ao movimento, o que levou o reitor Laerte Ramos a solicitar o envio de tropas ao Campus. Pouco tempo depois, 15 professores foram demitidos sob a

---

<sup>12</sup> Fonte: <https://www.unb.br/a-unb/historia/633-invasoes-historicas?menu=423> , acessado em 22/11/2020.

justificativa de responsabilização pela greve. Por conta desse ocorrido, houve uma demissão em massa na UnB, 203 professores pediram demissão. De acordo com o depoimento de Roberto Salmeron, em “Barra 68”, a demissão em massa dos professores não foi programada e nem programada para ser coletiva, foi espontânea, fruto da indignação e do medo de todos os professores por conta de tudo o que estava acontecendo.

(...) depois da diáspora dos professores a universidade mergulhou, entre 1965 e 68, em profunda crise. Sem mestres à altura dos seus objetivos, cursos fechados, prisões e perseguições, a UnB era atingida em cheio no seu generoso projeto. Enquanto isso, o país, humilhado, assistia à ação arbitrária do governo militar de Castello Branco e de seu sucessor Costa e Silva. O meio estudantil se agitava contra a Lei Suplicy que amordaçava suas representações e impedia qualquer manifestação. Os estudantes reagiam e se organizavam em resistência contra as medidas que cada vez mais atrelavam o Brasil aos interesses do capital estrangeiro. Este, por sua parte, subvencionava a chamada segurança nacional apoiado na mal disfarçada ditadura que se instalou. (BARRA 68, 2001)

Ainda segundo conta Henrique Gonzaga Junior, ex-aluno da UnB, no filme “Barra 68”, em 29 de agosto de 1968, ocorreu uma invasão que resultou no espancamento, prisão e tortura de estudantes e funcionários. Essa invasão ocorreu por conta de um protesto que acontecia em razão da morte do estudante Edson Luís de Lima Souto, assassinado pela PM no Rio de Janeiro.

(...) ele [Honestino] começou a anunciar a morte, avisar que houve essa morte, conchamar todo mundo a dar consequência, à uma reação contra a ditadura. E ali nós partimos, fomos para a biblioteca, para o restaurante universitário, ele subiu na mesa. E de repente quando nós vimos, no final da tarde, tinham mais de 500 pessoas formadas, fomos lá para trás da antiga reitoria, acho que é o prédio FE-5, e ali ele mandou confeccionar... rapidamente alguém pintou uma placa ‘praça edson luiz’ (...) aquilo virou um grande comício. No dia seguinte foi uma greve geral na Universidade, conchamada por ele, Honestino. (BARRA 68, 2001)

A repercussão dessa invasão, na cidade de Brasília na época, foi enorme, devido ao fato de que o envolvimento com a universidade, por parte dos que aqui moravam, era muito grande. Quase todos em Brasília possuíam algum parentesco ou conheciam alguém que estudasse na UnB. Essa comoção fica evidente na fala de Marcos Santilli, ex-aluno da universidade também no filme barra 68.

É, a Universidade de Brasília, na época, era muito vital dentro da cidade. Então, envolveu muito a cidade, houve uma comoção da cidade na época. Houve um protesto das mães. Houve missa, houve uma grande reação diante da invasão da Universidade de Brasília. Porque criou um clima de insegurança tremendo dentro da Universidade, do corpo docente, estudantes, etc. Uma tremenda insegurança, uma sensação tenebrosa de campo de concentração (...) houve uma repulsa muito grande da sociedade brasiliense. Porque na verdade, todos tinham filhos, parentes, amigos estudando lá etc., e a Universidade envolvia muito a cidade. (BARRA 68, 2001)

A repercussão dessa invasão e das reações dos estudantes, ainda, levou à Universidade o vice reitor José Carlos Azevedo, que “iniciou habilidosa ofensiva, freando e neutralizando o

movimento grevista e desmontando tudo que lembrasse o projeto original da Universidade” (BARRA 68, 2001)

Em dezembro do mesmo ano, 1968, foi instaurado o AI-5, o mais duro de todos os atos institucionais do período da ditadura, que decretava o fechamento do congresso. Talvez, um dos motivos que levaram o governo a decretar esse ato, tenha sido a repercussão dessa mesa invasão no congresso, como conta Marcos Santilli, ainda em seu depoimento no documentário barra 68.

Eu acho que a invasão da UnB foi, realmente, o estopim do Ato 5, porque o envolvimento dos deputados, dos familiares, do próprio Congresso nesse episódio de violência, deixou o Congresso contra o governo por alguns momentos, que o governo estava acostumado com a docilidade do Congresso. E diante da negação de cassação do Márcio Moreira Alves, que era o responsável pelo discurso sobre a invasão da UnB, simplesmente os militares, imediatamente depois, fecharam o Congresso. (BARRA 68, 2001)

Por conta dessa manifestação, foi decretada a prisão de sete universitários, entre eles Honestino Guimarães, que, como explicitado no depoimento do ex-aluno Henrique Gonzaga Junior, foi quem iniciou todo o movimento. Honestino viveu durante 5 anos na clandestinidade e no ano de 1973, foi preso novamente e não voltou mais. Durante o ocorrido, mais de 500 pessoas foram detidas na quadra de basquete, em que 60 delas foram presas e o estudante Waldemar Alves foi baleado na cabeça.

Após tempos de promessas de melhorias, em 6 de junho de 1977, militares invadiram novamente a UnB, prenderam estudantes e intimidaram funcionários, por conta de outra greve de estudantes e professores, a qual visava acabar com todas as agressões que a comunidade acadêmica vinha sofrendo desde 1964. Além destas, outras invasões ocorreram e esse período só teve fim com o início da redemocratização no Brasil, com a Lei da Anistia<sup>13</sup>.

Estes anos pelos quais a Universidade de Brasília passou durante a ditadura militar, além de todas as invasões e atrasos estruturais do desenvolvimento da instituição, também atacou não só a Universidade de Brasília, como todo o ensino brasileiro com o seu discurso anticomunista, o qual associava a imagem de estudantes universitários e das próprias instituições à terrorismo, uso de drogas, libidinagem e comunismo, que na época era pintado

---

<sup>13</sup> Denominada Lei da Anistia, a Lei nº6.683 foi sancionada pelo presidente João Figueiredo em 28 de agosto de 1979. A Lei concedia anistia a todos presos políticos, os quais tiveram seus direitos políticos cassados, a servidores do então governo e, principalmente, aos militares. Todos esses, que se encaixaram nessas posições entre 02 de setembro de 1961 e 15 de agosto de 1979.

como algo monstruoso. O discurso anticomunista no Brasil se assemelhava ao discurso antisemita próprio do nazismo alemão. Por meio da monstrificação dos ditos comunistas, a ditadura criou um inimigo em comum que ameaçava a integridade do país e, assim, justificou, por meio da luta contra os comunistas, todas as atrocidades cometidas. Essa característica típica de regimes totalitários definitivamente foi um fator que modificou radicalmente o imaginário sobre a UnB e todas as universidades públicas.

Apesar disso, após a redemocratização, a esperança de que a universidade pudesse voltar a ser o que foi pensada para ser, ocupava, inclusive, a mente do próprio Darcy Ribeiro, como pode ser observado no depoimento

com a democracia, a universidade assumiu seu próprio destino, e está tomando a forma que deve ser, aquela de que o Brasil precisa, aquela que é regida por um princípio que estava escrito desde o primeiro dia. Nesta casa ninguém jamais será punido ou premiado, em razão de suas ideias. Acabou o tempo dos interventores da ditadura, que aos professores favoráveis à ditadura, premiaram com viagens, com promoções, e aos que eram pela universidade verdadeira, perseguiram. (BARRA 68, 2001)

De certa forma, isso de fato se concretizou, quando, em 1984 o então professor Cristovam Buarque foi eleito reitor da Universidade, o primeiro eleito democraticamente depois da ditadura. Cristovam adentrou a reitoria da Universidade com o objetivo de recuperá-la após todos os anos de repressão da ditadura. Dessa forma, realizou mudanças significativas na estrutura da UnB. Os semestres foram ampliados, salas de aulas foram expandidas, os sistemas de módulo livre foram implementados. Esse processo foi responsável por uma revitalização completa da Instituição. Os professores que se demitiram em massa em 1965, foram reintegrados ao quadro, o acervo da biblioteca cresceu, houve investimento na compra de equipamentos para a informatização da Universidade e, em 1989, foi criado o primeiro curso noturno da UnB, o qual visava atender estudantes que necessitavam trabalhar. Nessa época também foi criada a prefeitura da UnB e houve um grande apoio financeiro para a produção científica.

Este foi o início do processo de reconstrução da Universidade como conhecemos hoje. Assim, depois de vários outros momentos de altos e baixos para a UnB, durante os governos seguintes como Collor e Fernando Henrique Cardoso, veio o Reuni, Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais, o qual buscava ampliar o acesso e a permanência dos estudantes no ensino superior.

O Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais(Reuni), instituído pelo Decreto nº 6.096 em 24 de abril de 2007, foi um grande projeto de expansão e melhoria das universidades pelo Brasil, que levou novas universidades para áreas não centrais dos estados brasileiros, facilitando o acesso ao ensino superior público. Além disso, ele aumentou o número de cursos e, conseqüentemente, de vagas nas universidades brasileiras. A Universidade de Brasília foi uma das universidades contempladas pelo programa. Com a ação do Reuni na Instituição foram criados mais cursos noturnos, como o de Comunicação Organizacional, mais edificações, como o Instituto de Biologia e o Instituto de Química, dentre outros, e a ampliação no número de professores nos departamentos.

Além disso, um outro evento que contribuiu para a ampliação do acesso à Universidade, foi a política de cotas, iniciada no ano de 2004 na UnB, com as cotas raciais. O professor José Jorge de Carvalho e a professora Rita Segatto<sup>14</sup>, do Departamento de Antropologia da UnB, propuseram a adoção do sistema de cotas para estudantes negros na Instituição. Sendo assim, a Universidade de Brasília foi pioneira na utilização do sistema de cotas raciais no Brasil, iniciando novamente mudanças no sistema universitário público brasileiro.

A criação do sistema de cotas raciais para a Universidade de Brasília gerou debates ao redor do Brasil inteiro, que ecoam até hoje. Em 2010, foi produzido pela TV Câmara, o documentário “Raça Humana”, o qual discute a questão das cotas raciais nas universidades.

Toda essa discussão resultou na implementação da Lei nº 12.711 de agosto de 2012, regulamentada pelo Decreto nº 7.824/2012, a qual diz

Art. 1º As instituições federais de educação superior vinculadas ao Ministério da Educação reservarão, em cada concurso seletivo para ingresso nos cursos de graduação, por curso e turno, no mínimo 50% (cinquenta por cento) de suas vagas para estudantes que tenham cursado integralmente o ensino médio em escolas públicas.

Parágrafo único. No preenchimento das vagas de que trata o caput deste artigo, 50% (cinquenta por cento) deverão ser reservados aos estudantes oriundos de famílias com renda igual ou inferior a 1,5 salário-mínimo (um salário-mínimo e meio) per capita

Art. 3º Em cada instituição federal de ensino superior, as vagas de que trata o art. 1º desta Lei serão preenchidas, por curso e turno, por autodeclarados pretos, pardos e indígenas e por pessoas com deficiência, nos termos da legislação, em proporção ao total de vagas no mínimo igual à proporção respectiva de pretos, pardos, indígenas e pessoas com deficiência na população da

---

<sup>14</sup> Fonte: <https://noticias.unb.br/76-institucional/2319-aprovacao-das-cotas-raciais-na-unb-completa-15-anos>, acessado em 22/11/2020.

unidade da Federação onde está instalada a instituição, segundo o último censo da Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística IBGE. (BRASIL, 2012)

Depois da implementação do sistema de cotas, a UnB, é possível observar, entre 2015 e 2017, que o número de estudantes de graduação da Universidade de Brasília que se declaram pretos ou pardos, de acordo com a classificação do IBGE, cresceu e, a partir de 2015, superou o número de estudantes declarados brancos<sup>15</sup>. O sistema de cotas é o maior indicado como responsável pela mudança.

Entretanto, o acesso não foi, sozinho, suficiente para essa mudança. A permanência dos estudantes, principalmente os de baixa renda, também se tornou uma questão amplamente discutida no sentido da ampliação do acesso ao ensino superior. Iniciativas como o auxílio estudantil e os restaurantes universitários são fundamentais para a permanência de certos estudantes na universidade, não sendo suficientes apenas as cotas, como introduz Luciana Oliva em sua dissertação.

Em um artigo publicado em 2017, os pesquisadores Campos, Machado, Miranda e Costa concluíram que a adoção de ações afirmativas, conforme estabelecido pela Lei 12.711/2012, poderia afetar as taxas de evasão dos alunos. Sem revelar o nome da Instituição de Ensino Superior pública (IES) investigada, os autores concluíram que a existência de cotas de acesso ao Ensino Superior não representava por si uma garantia da permanência desses alunos durante o curso. (OLIVA, 2020, p.28)

Este tópico era um dos protagonistas das reivindicações e dos debates que ocorriam no ano precedente ao governo Temer, que assumiu a Presidência da República em agosto de 2016, após o Impeachment da presidenta Dilma.

Após alguns anos de retomada do crescimento da universidade em direção, ao menos aproximada, de seu objetivo inicial, com a construção de novos prédios, aumento da quantidade de cursos, criação de cursos noturnos e alargamento e diversificação do perfil de alunos, a UnB, assim como o restante do Brasil, entrou em mais um período de interrupção de seu desenvolvimento, por mais que menos brusco do que o que aconteceu na época da ditadura militar.

Durante o governo de Michel Temer, foi aprovada a chamada “PEC do fim do mundo”, Proposta de Emenda Constitucional (PEC) 245<sup>16</sup>, que instaurou um teto para os gastos públicos

---

<sup>15</sup> Fonte: <https://g1.globo.com/distrito-federal/noticia/universidade-de-brasilia-tem-mais-estudantes-negros-que-brancos.ghtml> . Acesso em: 22/11/2020

<sup>16</sup> Fontes: [https://brasil.elpais.com/brasil/2016/10/24/politica/1477327658\\_698523.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2016/10/24/politica/1477327658_698523.html) , <https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2016-12/saiba-o-que-muda-com-aprovacao-final-da-pec-do-teto->

durante 20 anos. Esse limite é estabelecido com base no orçamento do ano anterior corrigido pelo IPCA, o que significa que, segundo a Agência Brasil, “(...)o governo, assim como as outras esferas, poderá gastar o mesmo valor que foi gasto no ano anterior, corrigido apenas pela inflação. A inflação, medida pelo Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), é a desvalorização do dinheiro, ou seja, quanto ele perde de poder de compra num determinado período”. Ainda de acordo com o site da Agência Brasil, a PEC estabelece esse limite para o Executivo, o Senado, a Câmara, o Tribunal de Contas da União, o Ministério Público da União (MPU), o Conselho do MPU, a Defensoria Pública, o Supremo Tribunal Federal, o Superior Tribunal de Justiça, o Conselho Nacional de Justiça e as justiças do Trabalho, Federal, Militar, Eleitoral e do Distrito Federal e Territórios.

A justificativa oficial para a criação da emenda constitucional foi a de tentativa do reequilíbrio das contas do governo, impedindo que a dívida pública aumentasse ainda mais em frente à crise econômica. A iniciativa foi duramente criticada por especialistas que a enxergavam como uma ponte para diminuição nos investimentos em áreas como saúde e educação, investimentos que são previstos em nossa constituição. Outro ponto de crítica seria o tempo, 20 anos, considerado longo demais para se limitar a tomada de decisões sobre gastos do Estado e o fato da correção do teto ser atrelada à inflação, o que poderia estabelecer um teto não condizente com a realidade econômica do país, pois, em caso de crescimento econômico, o ajuste com base na inflação geraria um limite menor do que se a medida fosse o PIB, por exemplo.

A aprovação da PEC, aliada à reforma do ensino médio, outra iniciativa do governo Temer fortemente criticada, gerou revolta por todo o país, principalmente entre os estudantes universitários e secundaristas. Essa revolta resultou em diversas ocupações em universidades e escolas públicas ao redor do Brasil. O movimento secundarista, batizado de primavera secundarista, inclusive, superou em número a mobilização dos estudantes universitários do país. Na universidade de Brasília não foi diferente e, em apoio à movimentação dos estudantes secundaristas, no dia 31 de outubro de 2016, foi decidida em assembleia a ocupação da reitoria da universidade.

A principal reivindicação do movimento era a não aprovação da PEC 241. O movimento na UnB teve larga amplitude, tendo sido formadas diversas ocupações de faculdades, prédios,

e institutos, até fora do campus Darcy Ribeiro. O movimento contou, inclusive, com a presença de estudantes de outros estados.

De acordo com Danielle Assis, em seu artigo “Cobertura jornalística versus midiativismo: disputa de narrativas da Ocupa UnB”, a ocupação da UnB

(...) durou 45 dias (de 31 de outubro de 2016 a 13 de dezembro de 2016) e se espalhou por 17 espaços (faculdades, institutos, blocos de aula, dentre outros) de três campi diferentes. O movimento teve início após uma assembleia convocada pela Comissão Eleitoral do Diretório Central dos Estudantes (DCE), tendo como pauta central as ocupações no Brasil em torno das mobilizações contra os retrocessos na Educação. Cerca de 1,4 mil estudantes se encontraram para debater sobre os rumos da Universidade e o contexto político, deliberando, por voto em contraste da maioria presente, a ocupação da Reitoria no mesmo dia. Nos dias que se seguiram, estudantes ligados a diferentes cursos fizeram assembleias e decidiram pela ocupação também de seus respectivos institutos e/ou faculdades. (...) Após uma série de ações, inclusive na Justiça, a favor e contra o movimento de ocupação, os ocupantes decidiram pela desocupação dos espaços, que ocorreu no dia 8 de dezembro e no dia 13 de dezembro de 2016, durante a votação da PEC do Teto de Gastos em segundo turno no Senado Federal. (ASSIS, 2018, p.10)

Como referenciado no trecho, as ocupações da Universidade de Brasília foram encerradas e, pouco tempo depois, a PEC 241 e a reforma do ensino médio foram aprovadas, marcando o início de tempos de retrocesso, que apenas se agravaram no atual governo Bolsonaro, que desde seu início realizou diversos ataques diretos às universidades públicas do país.

Desde o início de seu mandato em 2019, Jair Messias Bolsonaro e seu governo<sup>17</sup> apresentaram uma postura negativa em relação ao ensino público brasileiro, especialmente o ensino superior, postura essa que se fez perceber tanto por meio dos pronunciamentos do próprio presidente e do antigo ministro da educação Abraham Weintraub, quanto pelos cortes e contingenciamentos realizados na educação superior.

Bolsonaro e sua equipe, iniciaram o mandato com promessas como a aprovação do projeto escola sem partido, que proibiria o uso de termos como “gênero” e “orientação sexual” nas escolas, com ataques à imagem de Paulo Freire e até mesmo sugerindo revisionismo acerca da ditadura em livros didáticos. Pouco depois do início do governo, em um dos primeiros eventos escandalosos relacionados à educação superior pública, Weintraub anunciou cortes nas universidades sob a alegação de que aquelas que estivessem gerando o caos ao invés de tentar melhorar o desempenho acadêmico, teriam seus recursos reduzidos, o que de fato aconteceu.

---

<sup>17</sup> [https://brasil.elpais.com/brasil/2019/05/11/politica/1557603454\\_146732.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/05/11/politica/1557603454_146732.html) ,  
[https://brasil.elpais.com/brasil/2019/05/15/politica/1557950158\\_551237.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/05/15/politica/1557950158_551237.html) ,  
[https://brasil.elpais.com/brasil/2019/09/03/politica/1567542296\\_718545.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/09/03/politica/1567542296_718545.html) . Acesso em: 22/11/2020

Houve contingenciamentos no orçamento de algumas universidades, como a UnB. Além disso, milhares de bolsas do CNPQ e da CAPES não puderam ser renovadas por falta de verbas. Além desses, houve outros cortes e manifestações negativas por parte do governo, como quando Jair chamou os estudantes participantes das manifestações de “idiotas úteis” e “massa de manobra”<sup>18</sup>.

Essa postura da administração bolsonarista marcou menos a esfera política nacional neste ano de 2020 devido a outros escândalos como a péssima administração da pandemia do COVID 19 e às queimadas no Pantanal e na Amazônia, porém, o governo não demonstra grandes sinais de mudança de postura em relação à educação.

É este contexto, de ataques às universidades públicas, incluindo à UnB, que configura a motivação principal para a realização deste trabalho. Em momentos como este, em que se tensionam projetos e pontos de vista políticos opostos em escala nacional, é que, de acordo com Foucault, se formam novos discursos e saberes e se reconfiguram àqueles já existentes. Com isso em vista, este trabalho busca compreender um pouco do imaginário social da Universidade de Brasília, com o objetivo de obter uma compreensão inicial acerca do que se pensa e se diz sobre a universidade, proporcionando um ponto de partida para pesquisas mais profundas com a intenção de fortalecer a imagem da Instituição frente a opinião pública e combater discursos trazidos e fortalecidos pelo posicionamento do atual governo.

Dito isso, no capítulo seguinte, serão analisadas algumas entrevistas que foram realizadas durante o período atual, visando observar quais opiniões, pensamentos e discursos habitam a mente destas pessoas quando se trata da Universidade de Brasília.

---

<sup>18</sup> <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2019/05/15/bolsonaro-chama-manifestantes-de-idiotas-uteis-e-massa-de-manobra-e-recebe-criticas.ghtml>. Acesso em: 22/11/2019

### CAPÍTULO 3

Após apresentar o conceito de imaginário social e sua relação com o discurso e traçar um breve panorama da história da Universidade de Brasília, este capítulo tem como objetivo identificar, por meio da análise de entrevistas, alguns aspectos do imaginário social da Universidade de Brasília no ano de 2020.

A metodologia de entrevista longa de Grant McCracken foi escolhida como base para a realização das entrevistas, pois este trabalho busca encontrar alguns discursos e pontos de vista que permeiam o imaginário social da UnB e, além disso, compreender um pouco mais sobre eles. Com isso em vista, o trabalho de McCracken foi escolhido, pois é “o método a se escolher quando categorias culturais, suposições e temas são objetos de investigação, e quando a imersão total na cena estudada é impraticável ou impossível”, caso atual devido às restrições impostas pelas medidas de isolamento diante da pandemia do COVID-19.<sup>19</sup>

A entrevista longa consiste, basicamente, em entrevistas semi estruturadas focadas em abrir o maior espaço possível para as falas do entrevistado. O objetivo desse processo é extrair o máximo de informações possíveis do entrevistado acerca de um assunto. É necessário deixar a pessoa o mais confortável possível, de forma a fazê-la trazer suas impressões e opiniões de forma espontânea, pois é justamente o que de fato se passa na mente dos entrevistados quando um tópico surge que nos interessa.

Para isso, McCracken desenvolve e divide o processo de realização da entrevista em 4 grandes passos, nos quais foi encontrada inspiração para a realização das entrevistas aqui analisadas. O primeiro e o segundo passos consistem, basicamente em um processo de revisão bibliográfica que visa compreender categorias analíticas e culturais acerca do tema e, junto a isso, desenvolver o questionário, o processo de escrita dos capítulos anteriores e de construção do questionário, foi o equivalente a estas fases neste trabalho.

Para a construção do questionário, o autor sugere uma estrutura com duas fases. A primeira consiste em uma etapa de coleta de informações acerca da pessoa entrevistada e de seu contexto/história de vida, e a segunda uma etapa dividida em grandes seções de questionamento que vão investigar de fato o tema específico através de perguntas abertas e “perguntas gancho”.

---

<sup>19</sup> Tradução do autor (MCCRACKEN, 1988, p.5)

As perguntas abertas são chamadas de perguntas “*grand-tour*”, provavelmente em alusão ao fato de que os respondentes geralmente dão grandes voltas para respondê-las. Já as “perguntas gancho” são perguntas um pouco mais direcionadas e servem para trazer o entrevistado para o centro do tema, caso ele não toque no assunto esperado ou mesmo se distancie do tema central. Dessa forma, “O questionário final(...) vai consistir em uma série de perguntas biográficas seguidas de uma série de áreas de questionamento”.<sup>20</sup>

Com base nessa abordagem foram definidas seis perguntas biográficas, visando traçar um perfil de cada entrevistado, foram elas: (1) Idade, (2) Escolaridade, (3) Ocupação, (4) Relação com a UnB, caso possua, (5) Trajetória de formação, (6) Local de nascimento/moradia. Além disso, cinco categorias de perguntas também foram criadas para este questionário, cada uma buscando compreender um sub tópico relacionado ao imaginário da UnB. As 5 categorias foram criadas com o objetivo de compreender de que forma os entrevistados percebem a Universidade e a que outros temas eles a relacionam.

A primeira categoria, “Imagem pessoal da UnB”, foi pensada para introduzir o tema nas entrevistas, buscando entender a opinião individual dos entrevistados acerca da Universidade de Brasília especificamente. A segunda, “Conceito de universidade”, foi pensada para perceber como os entrevistados entendem o conceito de universidade de uma forma geral e o que, para eles, difere essas instituições de faculdades e outras entidades de ensino superior. A terceira, “O papel da UnB em relação ao DF”, foi destinada a descobrir como os entrevistados percebem o impacto da universidade para o distrito federal e até para o país. A quarta categoria é “História da UnB”, a qual busca entender o que os entrevistados conhecem acerca da história da universidade e qual aspecto da história da instituição desperta mais interesse. Por último, “UnB no momento político atual”, que busca compreender se os entrevistados enxergam a universidade como um local central dentro da lógica de disputa de poder que ocorre atualmente, além de perceber como enxergam o momento político e qual papel eles atribuem à universidade dentro desse contexto.

O terceiro passo, segundo McCracken, consiste na finalização do questionário, apresentada anteriormente, na seleção dos entrevistados, que será apresentada agora e no processo de entrevista, que será brevemente mencionado em seguida.

---

<sup>20</sup> Tradução do autor, p.37

Para a seleção dos entrevistados, foram utilizados alguns direcionamentos trazidos pelo autor, aliados às duas hipóteses construídas no início da pesquisa. Os direcionamentos dizem respeito à necessidade de que todos os respondentes sejam completos estranhos, que devem ser poucos entrevistados, que nenhum deles pode ser um especialista no assunto e nem o desconhecer completamente e, por fim, que é necessário estabelecer um contraste entre os entrevistados, seja de idade, status, educação etc.

Já as hipóteses utilizadas tiveram a função de estabelecer este contraste. A primeira delas consiste na crença de que há uma visão bastante divergente acerca da Universidade entre as suas três instâncias, alunos, professores e servidores. Essa hipótese se baseia no fato de que, há muito, cada uma dessas instâncias possui, inclusive, um órgão de representação própria dentro da universidade. Sendo eles, o Diretório Central dos Estudantes (DCE) que cumpre a função de representação estudantil, a Associação dos Docentes da Universidade de Brasília (ADUnB), que cumpre a função de representação dos docentes e o Sindicato dos Trabalhadores da Fundação Universidade de Brasília (Sintfub), que cumpre a função de representação dos servidores técnico-administrativos da Universidade. Com base nessa hipótese, observou-se a necessidade de entrevistar pessoas que representassem cada um desses grupos. Já a segunda consiste na crença de que aqueles que possuem relação direta com a UnB tendem a enxergá-la de forma diferente daqueles que não possuem essa relação.

A partir disso, fez-se necessário dividir o grupo de oito pessoas entre aqueles que possuem relação direta com a Universidade e aqueles que não possuem. Apesar disso, o critério “não possui relação direta com a UnB” não cria contraste o suficiente entre os 4 entrevistados neste “grupo”, logo, fez-se necessário construir essa diferença. Assim, foram definidas as divisões, jovem finalizando o ensino médio, estudante de universidade particular, professor de universidade particular e pessoa entre 35 e 55 anos de idade.

Sobre o processo de entrevistas vale ressaltar neste momento, apenas que, devido ao caráter amplo das perguntas utilizadas, elas acabam sendo norteadas pela experiência pessoal do entrevistado, gerando aspectos muito específicos em cada uma delas. Este tópico será recuperado futuramente.

Com base no que foi dito anteriormente, traz-se uma breve descrição biográfica de cada entrevistado ou entrevistada. Vale ressaltar que, para preservação da identidade dos entrevistados, foram criados nomes fictícios para cada um deles. O anonimato foi garantido com o objetivo de aumentar a liberdade de fala dos participantes.

De acordo com o critério de escolha dos entrevistados citado anteriormente, as pessoas escolhidas para configurar o grupo dos que possuem vínculo com a UnB, são as quatro listadas a seguir. A primeira entrevistada, Joana, é mulher tem 35 anos, nascida em Porto Alegre, é administradora e possui pós-graduação também em administração. Veio para Brasília por meio de um processo de transferência entre universidades, atualmente, é funcionária da Prefeitura da UnB. O segundo entrevistado, Robson, tem 49 anos, nascido em Pelotas, Rio Grande do Sul, cursou Arquitetura e Urbanismo na Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) e, depois de algum tempo morando em Brasília, passou a ocupar o cargo de arquiteto no Centro de Planejamento Oscar Niemeyer da Universidade de Brasília, além disso, cursa doutorado no curso de arquitetura também na UnB. A terceira, Débora, por sua vez, é mulher, tem 37 anos, nascida no Rio de Janeiro, é Engenheira Mecânica, tem formação acadêmica completa na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e veio para Brasília em 2010 por meio de um concurso para professora na Universidade de Brasília, onde atua até hoje. Por fim a quarta, Mariana, é mulher, tem 28 anos, nascida em São Luís do Maranhão, cursou Ensino Médio em escola particular e veio para Brasília para fazer graduação na Universidade de Brasília. Cursou Relações Internacionais como primeira graduação e atualmente trabalha com Comunicação.

Já o grupo daqueles que não possuem vínculo com a UnB, é composto pelos quatro entrevistados restantes. A primeira delas, Sofia, é mulher, tem 23 anos, nascida em Brasília, cursou o Ensino Médio em escola particular, iniciou graduação na UnB, mas não completou. Ao deixar a Universidade, ingressou em no curso de Gestão Pública no UniCeub. A segunda, Lídia, tem 17 anos, nascida em Brasília, cursa o terceiro ano do Ensino Médio no CEM-3, em Ceilândia e pretende cursar UnB. A terceira, Paula, é mulher, tem 35 anos, nascida em Formosa, Goiás. Fez graduação na UDF em Ciências Políticas e, atualmente é Assessora Parlamentar. Por último, o entrevistado Luzimar, é homem, tem 58 anos, nascido em Minas Gerais. É professor universitário do UniCeub nos cursos de gestão e, atualmente cursa doutorado na UnB.

O quadro a seguir foi elaborado para facilitar a percepção acerca de quem são os entrevistados e seus nomes, as entrevistadas que fazem parte do grupo que possui vínculo institucional com a UnB estão em verde e as que não possuem estão em vermelho.

Figura 4 - Lista de entrevistadas

	Idade	Naturalidade	Ocupação	Formação
Joana	35	Porto Alegre - RS	Funcionária da prefeitura da UnB	Pós graduação em Administração
Robson	49	Pelotas - RS	Funcionário do Ceplan UnB	Cursando doutorado em Arquitetura
Débora	37	Rio de Janeiro -RJ	Professora de engenharia na UnB	Doutora em Engenharia mecânica
Mariana	28	São Luís - MA	Comunicadora	Graduada em Relações internacionais
Sofia	23	Brasília - DF	Estudante	Formada em Gestão pública pelo Uniceub
Lídia	17	Brasília - DF	Estudante	Cursando o terceiro ano do ensino médio
Paula	35	Formosa- GO	Assessora Parlamentar	Graduada em Ciência Política
Luzimar	58	Minas Gerais	Professor dos cursos de gestão no UniCeub	Cursando doutorado em Gestão

**Fonte:** Elaborada pelo autor com base em McCracken, 1998

Visto isso, é possível perceber que, dentro do grupo daqueles que não possuem vínculo com a UnB, temos dois participantes que possuem ou possuíram vínculo com a Universidade. A escolha de mantê-los no quadro de análise, se deu pelo fato de que é difícil encontrar um professor de ensino superior em Brasília que não tenha tido contato ou mesmo cursado UnB, pois a Universidade é a única no DF que possui pós graduação a nível de doutoramento. Já a participante ex-aluna da UnB foi mantida entre os analisados pois sua visão de contraste entre a UnB e uma instituição particular, se mostrou interessante para o trabalho.

Antes de adentrar os tópicos de análise das respostas obtidas, é necessário retomar sobre o fato de as entrevistas possuírem uma orientação diretamente ligada à vivência pessoal dos entrevistados. A vivência de cada participante é um aspecto que será abordado pontualmente nas análises, de forma a fortalecer ou embasar um dos pontos de vista apresentados. Sendo assim, o foco real das análises a seguir será dado sobre os aspectos gerais, os temas que se apresentaram nas falas de cada um e as relações estabelecidas entre eles e os conteúdos trazidos anteriormente, além das conclusões depreendidas. Isso se justifica com base na compreensão de que o imaginário social envolve, de acordo com os conceitos apresentados por Edgar Morin (1991) no primeiro capítulo deste trabalho, a *sociosfera* e a *noosfera*, apenas estabelecendo relações com a *psicosfera*, que diz respeito a tudo aquilo que está presente nos cérebros individuais.

Depois da definição do questionário e da escolha dos entrevistados, retornando aos 4 passos definidos por McCracken, o quarto passo consiste na análise dos dados. Grant sugere uma forma específica de tratar os dados pesquisados, porém, neste trabalho ela não foi seguida à risca. Uma das questões que o autor traz em seu livro é a necessidade de adaptação do método à situação da pesquisa, exatamente o que foi feito. Inicialmente, foram extraídas de cada uma das entrevistas, suas principais ideias, com o objetivo de destacá-las do texto corrido e separá-las em tópicos, em seguida, esses tópicos foram distribuídos entre as 5 categorias temáticas definidas anteriormente. Depois dessa divisão, foram feitas relações entre as ideias de cada um dos entrevistados, além de correlacioná-las com o material levantado ao longo do trabalho. Esse processo resultou na análise que será apresentada a seguir.

Dito isso, inicia-se o processo de análise das respostas obtidas de acordo com as 5 grandes áreas de questionamento citadas anteriormente. Entretanto, além dos tópicos referentes às 5 áreas, será adicionado mais um devido ao surgimento espontâneo de um tema durante o processo das entrevistas. Este tópico é referente à temática das diferenças existentes no imaginário acerca do ensino superior público e do ensino superior privado.

### **3.1 A imagem pessoal da Universidade de Brasília**

Nessa primeira área de questionamento, foi analisada a imagem individual que os entrevistados apresentam da Universidade de Brasília, tratando de perceber quais discursos, pontos de vista, etc. permearam essas opiniões.

De forma geral, a visão dos entrevistados sobre a UnB foi amplamente positiva, com falas ressaltando a qualidade de seus serviços, seu renome e sua multiplicidade, tanto de possibilidades quanto de pessoas, mesmo entre os dois entrevistados que citaram falhas na UnB e que acreditam que ainda há muito para ser melhorado. Falas como “acho que é uma instituição que quem está lá, seja como servidor, seja como aluno de graduação ou especialização, mestrado, doutorado, sempre é uma conquista. Ela tem um nome local e nacional” (Robson, 2020)<sup>21</sup>.” E “(...) o que eu acho da Universidade é que ela é um polo de ensino, ciência, pesquisa.” (Paula, 2020)<sup>22</sup> foram percebidas, em essência, em todos os relatos.

Dentre os que possuem vínculo direto com a Universidade, as percepções foram favoráveis, com poucas menções a problemas muito específicos, como a falta de incentivo governamental em pesquisa e infraestrutura. Já no grupo daqueles que teoricamente não possuem relações institucionais com a UnB, duas falas foram mais carregadas de apontamentos acerca de defeitos sobre a Instituição, em especial a fala da entrevistada Sofia. Como dito anteriormente, Sofia chegou a cursar graduação na UnB, porém, não finalizou. A interrupção da sua graduação na UnB foi resultado de uma experiência pessoal negativa com a instituição, pautada, principalmente no que a participante definiu como um “choque de realidade”, um deslocamento entre suas experiências prévias e a vivência na Universidade. Esse choque deveu-se, principalmente, segundo a entrevistada, a aspectos como problemas na estrutura física da Universidade, falta de espaços de apoio e amparo e falta de comprometimento de alguns professores. A crítica do participante Luzimar se deu em termos similares, sendo focada na existência de alguns poucos professores que não possuem comprometimento de fato com seus cargos e na falta de clareza e facilidade de acesso dos sistemas informacionais da UnB, ressaltando que ainda há muito para melhorar.

---

<sup>21</sup> Relato coletado por meio de entrevista com funcionário da UnB (Robson), no dia 9 de novembro de 2020, por meio de vídeo chamada.

<sup>22</sup> Relato coletado por meio de entrevista com mulher entre 35 e 55 anos (Paula), no dia 12 de novembro de 2020, por meio de vídeo chamada.

De toda forma, mesmo trazendo críticas contundentes à UnB, suas percepções, de forma geral, ainda foram positivas, pois ambos reconheceram a importância e o valor da instituição em suas falas. Antes de abordar os próximos tópicos, é válido ressaltar a crítica à falta de amparo citada por Sofia em sua fala, pois, nos últimos anos a UnB presenciou alguns casos de suicídio, fato esse que pode evidenciar uma possível problemática de saúde mental no campus — tema que não será abordado nesta pesquisa, mas que merece grande atenção.

Dentre as falas positivas, é válido ressaltar a unanimidade de algumas percepções acerca da Instituição e sua relação com a trajetória da UnB pois elas trazem consigo aspectos da história da UnB, que mesmo não sendo diretamente conhecidos, são intrínsecos à Instituição e podem ser percebidos em suas características arquitetônicas. A primeira delas, trazida por Robson, Débora, Mariana, Joana e Luzimar é o fato de que na UnB existe uma grande interação entre os cursos, e uma grande diversidade de pessoas em um mesmo ambiente que, de acordo com esses entrevistados, não é presente nas outras universidades federais do Brasil com as quais tiveram contato, como a UFRJ, UFPEL e UFMA, citadas diretamente nas entrevistas.

Essa percepção, demonstra que a intenção de Darcy Ribeiro de romper com uma tradição de universidades estruturalmente dispersas, por mais abalada que a Instituição tenha sido pela ditadura, foi bem sucedida. Darcy acreditava que este modelo tradicional é menos frutífero intelectualmente, pois não é promovida a troca e a interação entre as diversas áreas do conhecimento, fator que diminui a riqueza das produções intelectuais e seu impacto. Apesar disso, também é possível depreender que, por mais que Darcy tenha inaugurado um novo modelo de universidade pública no Brasil, com a UnB, essa diferença entre as universidades ainda existe e é um sintoma do fato de que o modelo proposto ainda não foi completamente absorvido pelo sistema de educação pública no país. Isso gera uma outra indagação acerca dos motivos que envolvem esse desinteresse ou talvez essa incapacidade de aplicar o modelo universitário de Darcy Ribeiro ao redor do país: quais foram as causas disso? Seriam aspectos espaciais, políticos, socioeconômicos? Há interesse nessa movimentação? Por quê? Esse se configura como mais um tópico relevante, que pode protagonizar uma pesquisa de grande porte e que foi percebido através de uma busca acerca do imaginário social da UnB, apesar de dizer a respeito de toda a estrutura de ensino superior público do Brasil, de certa forma.

Apesar dos pontos de vista majoritariamente positivos, seis dos oito participantes citaram a existência de um discurso negativo em relação à Universidade, ou mesmo possuem contato direto com essas visões opostas sobre a Universidade, bastante negativas e irrealistas. Com exceção das entrevistadas Joana e Débora, todos citam de alguma forma um discurso que compreende a UnB como um local negativo. Desde a percepção de que “na UnB só tem maconheiro”,<sup>23</sup> a visões como “aluno da UnB é filho de papaizinho e não está lá para estudar”<sup>24</sup>, revelam a existência de um discurso negativo já difundido em relação à Universidade de Brasília que, provavelmente, surgiu durante o período da ditadura militar, quando as universidades federais e seus estudantes eram perseguidos por “subversão” e era propagada uma imagem de que tais instituições eram locais perigosos para a sociedade.

Esses discursos parecem ter retornado agora com o governo de Jair Bolsonaro e seus ataques às universidades públicas, porém, as entrevistadas Paula e Lídia relataram em suas entrevistas que já possuem contato com diversas pessoas que possuem visões parecidas há muito tempo. Na tentativa de compreender possíveis razões para a existência desses pontos de vista, é válido ressaltar que ambas as entrevistadas relatam a presença de tais discursos em contextos periféricos, porém, não com a presunção de que tais discursos encontraram força devido à ignorância ou falta de acesso à informação, até pelo fato de que ambas as entrevistadas vivem em cidades consideradas periféricas no DF e não compartilham de tais pontos de vista.

O aspecto da existência desses discursos em contextos periféricos, então, apresenta uma relevância quando é observado o vácuo de acesso ao ensino superior público gerado pela falta de acessibilidade. Essa ausência pode ser observada até os dias de hoje, principalmente pelo formato das grades curriculares dos cursos de graduação da Universidade, fator que impossibilita a entrada de uma vasta parcela de jovens do Distrito Federal na instituição, não por uma dificuldade com as provas de vestibular ou mesmo do PAS, mas pela necessidade de trabalho que não é possível de conciliar com os horários da UnB, principalmente nos cursos diurnos.

---

<sup>23</sup> Relato coletado em entrevista com Robson, 09/11/2020

<sup>24</sup> Relato coletado em entrevista com Lídia, 22/10/2020

Essa falha da Universidade é trazida por três dos entrevistados, Luzimar, Paula e Mariana. Luzimar atribui inclusive o crescimento das universidades particulares a essa falta apresentada pelas universidades públicas.

(...) a cidade cresceu muito e a classe média começou a crescer de um jeito assim, substancial, porque você começou a ter bons empregos, bons salários(...) E aí começa a surgir as universidades privadas. Elas começam a surgir exatamente nesse momento em que você começou a ter renda com uma parcela da população que podia pagar (...) mas não conseguia estudar porque tinha que trabalhar para manter aquela família.(...)” “Eu gostaria de fazer direito, mas vou fazer ciências contábeis porque tem um curso noturno”. Então foi por aí que avançou no interior do Brasil o ensino privado. (Luzimar, 2020) <sup>25</sup>

Apesar do advento do Reuni e do sistema de cotas ter feito uma ampla diferença no acesso às universidades públicas, incluindo a UnB, com a adição de cursos noturnos e aumento do número de vagas, fato que também é trazido por alguns dos entrevistados, a percepção de que o avanço ainda é insuficiente também é ressaltada.

(...)apesar de ser um curso noturno, e isso é uma crítica minha até hoje, ele é um curso noturno pra quem não faz mais nada da vida. Porque muito difícil se você trabalha, o que acho que deveria ser um pressuposto de um curso noturno, você acompanhar o fluxo de matérias, mesmo as obrigatórias... eu não consegui, tive que começar a trancar. Porque é muito difícil você ter 5 matérias por semestre, Tauan. Isso não é viável se você trabalha. Eu acho isso muito estranho, um curso noturno com uma carga tão pesada. (Mariana, 2020)<sup>26</sup>

Em sua entrevista, o arquiteto Robson, que trabalha na UnB desde os anos 2000 percebe a mudança ocorrida na instituição por conta dos programas citados.

E uma outra parte é o Reuni também, quando tem essa iniciativa de dobrar o número de alunos nas universidades, tem o curso noturno e acabou tendo esse desdobramento, mudando o espaço físico com essas edificações novas. Também é um investimento super louvável, e também mudou a cara da universidade. Então vem essa questão de cotas também. Então dá pra ver que, eu cheguei lá em 2000, a cara das pessoas que circulam por ali, dos professores e dos alunos, vai mudando. (Robson, 2020)<sup>27</sup>

Em comparação ao passado, as universidades federais são bem mais inclusivas do que um dia já foram. A ex-estudante Mariana também compartilha dessa visão ao citar suas duas experiências em graduação na UnB, relatando uma universidade muito mais diversa em relação a sua primeira graduação. O Reuni e a implementação das cotas foram programas que mudaram drasticamente a realidade das federais no Brasil e isso é percebido nas falas de alguns dos

---

<sup>25</sup> Relato coletado em entrevista com Luzimar, 07/11/2020

<sup>26</sup> Relato coletado em entrevista com Mariana, 16/10/2020

<sup>27</sup> Relato coletado em entrevista com Robson, 09/11/2020

entrevistados. Entretanto, este é um fato que apenas evidencia o abismo existente quanto ao acesso a essas instituições quando observamos outros aspectos das falas dos entrevistados. O avanço é considerável, porém, ainda está longe de resolver totalmente a problemática.

Esse distanciamento entre a UnB e a realidade de muitos jovens do DF continua ocorrendo até os dias de hoje e configura um tópico importante presente no imaginário dos entrevistados. Em uma futura possível pesquisa que objetiva compreender as razões que suportam a persistência dos discursos negativos acerca das universidades federais, ou mesmo apenas da UnB, a dificuldade de acesso certamente configura um tópico importante a ser explorado.

É evidente a necessidade de realização de uma pesquisa mais aprofundada para que se possa estabelecer uma relação direta entre os dois fenômenos, fundamentando essa conexão por meio de dados, porém, o material aqui apresentado certamente aponta para esta direção como algo a se considerar. É necessário compreender tanto o impacto causado por essa ausência quanto as razões pelas quais ela existe, o que pode até evidenciar soluções para a problemática.

A sobrevivência desse discurso pode ser pensada através do trabalho de Edgar Morin, que diz “As ideologias têm uma esperança de vida maior que os humanos(...) algumas podem viver vários séculos” (MORIN, 1991, p.108), porém, o autor também apresenta o fato de que os “seres do espírito”, se regeneram a partir dos cérebros individuais a partir dos quais foram criados e por meio dos quais existem. Sendo assim, por mais que as ideias, os discursos possuam um “tempo de vida” superior ao dos humanos, eles precisam ser “alimentados”, o que reforça a necessidade de se compreender o que alimentou tais discursos para que esses continuem existindo nos dias de hoje?

Para além dessa problemática, é válido incluir outro aspecto trazido por 5 dos 8 entrevistados, que é a questão dos espaços abertos da Universidade. Quatro dos cinco entrevistados que trouxeram esse aspecto à tona, o mencionaram de forma positiva, com admiração e interesse pelo conceito de uma universidade sem barreiras, sem muros e sem cercas pela qual é possível transitar livremente. Apesar disso, Sofia traz esse aspecto da universidade como algo perigoso, um perigo em potencial, pois “qualquer um pode entrar”, qualquer um pode transitar por aqueles corredores. Essa discordância gera duas linhas de pensamento, a

primeira demonstra como as ideias de Darcy Ribeiro, sua intenção com a Universidade pode ser percebida na materialidade e a força de deslocamento que essa materialidade possui é algo que reforça a perspectiva trazida por Baczko de que os imaginários podem ser percebidos na arquitetura, nas casas, etc.

Por fim, não esqueçamos que estes imaginários empregam facilmente as linguagens mais diversas: religiosa e filosófica, política e arquitectónica, etc. Apenas um último exemplo: todas as cidades são, entre outras coisas, uma projecção dos imaginários sociais no espaço. (BACZKO, 1985, p.313)

A segunda linha de pensamento é, novamente, a indagação acerca do que desenha essa linha, quais aspectos, atravessamentos e vivências levam grupos a perceberem certas características da Universidade como algo positivo ou algo perigoso. Seriam questões de gênero? Classe? Ou apenas posicionamentos pessoais que não dizem muito de uma perspectiva macro? Mesmo não sendo capaz de responder aqui, é um aspecto que contribui um pouco mais para o entendimento de que a relação ou não relação institucional com a UnB não pode cumprir o papel de ser o ponto onde tal linha é traçada, há mais camadas a serem investigadas.

Este tópico, que traz a mais individual de todas as perguntas do questionário, além de revelar alguns dos aspectos presentes no imaginário social da Universidade, abriu espaço para se pensar acerca de questões estruturais e também para a percepção da existência de dois discursos opostos acerca da Universidade de Brasília, além de mostrar que, à primeira vista, estar ou não diretamente ligado à universidade não é um fator totalmente decisivo para a formação de opiniões acerca delas. A partir disso é possível reforçar a ideia trazida por Baczko e, de certa forma, também por Foucault, no primeiro capítulo deste trabalho, de que os discursos são interpelados por enunciados que também formam os saberes e os imaginários, logo, os imaginários podem ser compreendidos por meio dos discursos.

Apesar da percepção de um discurso negativo acerca da instituição, as percepções entre os entrevistados foram majoritariamente positivas, mesmo dentre os que apresentaram críticas, os reconhecimentos também foram percebidos. Esse aspecto talvez possa revelar um problema do método de pesquisa utilizado, o que levanta a possibilidade de uma futura pesquisa além da própria necessidade de compreensão desses discursos. Por fim, no grupo de pessoas que possui

um vínculo com a Universidade, percepções muito positivas e carinhosas acerca da instituição foram unanimidade, com opiniões como “a UnB mudou a minha vida e a UnB é como um filho, um xodó”.

Sendo assim, neste tópico foi possível observar aspectos diversos presentes nas falas dos entrevistados acerca da UnB, sendo que o mais relevante de todos trouxe à tona uma discussão acerca do acesso à universidade, que certamente deve ser explorada em uma pesquisa futura. Os outros tópicos trazidos remeteram à história e ao impacto que a UnB causa naqueles que passaram por ela e, de forma geral, revelam uma visão positiva acerca da instituição. É válido ressaltar o fato de que todos os pontos de vista trazidos possuem base na pesquisa realizada e não pretendem descrever a completude do imaginário e muito menos da realidade acerca da Universidade de Brasília, servindo apenas como indicadores de caminhos de pesquisa possíveis.

### **3.2 O conceito de universidade**

A segunda área temática pensada para o questionário teve o objetivo de perceber o que uma universidade significa para os entrevistados, o que percebem como universidade ou quais características atribuem às instituições desta categoria.

Das 8 pessoas entrevistadas, Sofia e Lídia foram as únicas a não responder essa pergunta, ambas não conseguiram formular acerca do assunto. Os outros 6 participantes trouxeram ideias muito próximas, como, um local de pluralidade “acho que a universidade tem a ver com essa pluralidade,(...) essa diversidade em relação ao contato com outras pessoas”(Robson, 2020); de inclusão, “a universidade, principalmente hoje, tem que ser muito inclusiva”(Débora,2020); de inovação e debate, “Universidade para mim, a primeira coisa que eu penso, é que é um espaço aberto para debate, para debater ideias, para criar coisas novas” (Luzimar, 2020); e de contribuição para a sociedade, “(...) você vê a prestação dos serviços da universidade(...) tem um atendimento ao público depois, tem um retorno à sociedade depois(...) outro são a extensão, pesquisa, os projetos paralelos,(...) são coisas que se complementam.” (Paula,2020).

A visão trazida pelos entrevistados que responderam à pergunta, revela um aspecto interessante, uma vitória de Darcy Ribeiro, ao menos neste cenário, em relação às intenções

com a criação da UnB. Como citado no segundo capítulo deste trabalho, Darcy buscava iniciar uma nova tradição universitária no Brasil através da criação da UnB, um projeto que buscava promover a interação entre as diferentes áreas do conhecimento e auxiliar o país na resolução de seus problemas, aspectos que se mostraram presentes na percepção do que é uma Universidade de forma geral na fala dos entrevistados. Com base nisso é possível assumir que a percepção dos entrevistados acerca das universidades como um todo é uma percepção diretamente relacionada com os ideais de Darcy para o ensino superior brasileiro, com exceção do aspecto da inclusão, que foi mais intensamente trabalhado e trazido pela implementação das cotas e do Reuni.

Além disso, é necessário observar o fato de que todos os entrevistados respondentes apresentaram um discurso bastante próximo, enquanto as duas outras participantes não conseguiram desenvolver uma opinião acerca do tema. Com base nisso, duas conclusões são possíveis. A primeira é a de que existem apenas dois discursos largamente distantes acerca do que é uma universidade, o que é pouquíssimo provável, beirando o impossível. A segunda é a conclusão acerca dos limites da técnica de pesquisa utilizada, assumindo que certamente existem visões bem mais diversas acerca do assunto, é possível perceber a falta de uma maior diversidade entre os respondentes, ou mesmo um maior número deles.

Esse é um aspecto relevante para as percepções resultantes deste trabalho, porém, não o compromete, tendo em vista a intenção de conhecer uma parte do imaginário e não sua totalidade. Enxergando a partir deste aspecto, pode-se dizer que duas percepções majoritárias sobre o entendimento do conceito de Universidade foram apreendidas na pesquisa e, mais ainda, que cada uma delas preenche espaços provavelmente bem distantes no panorama das possibilidades existentes acerca do assunto. Essa distância abre espaço para indagações acerca de quais são, de fato, as percepções majoritárias acerca do tema dentre os moradores do DF, dúvida que também pode se desdobrar em uma pesquisa quantitativa de larga escala.

### **3.3 O papel da Universidade de Brasília em relação ao Distrito Federal**

Esta área temática foi pensada dentro do questionário com o objetivo de conhecer algumas percepções acerca do impacto da UnB no Distrito Federal. As pessoas reconhecem uma centralidade da Universidade para o Distrito Federal? Quais áreas da instituição são mais

percebidas como relevantes? Estes foram alguns dos questionamentos que levaram à criação deste tópico.

O primeiro aspecto relevante de se trazer aqui foi percebido na fala do professor Luzimar acerca dos impactos da UnB no DF. Ele revela, em seu depoimento, ter percebido um caminho de migração do centro de Brasília para as outras cidades satélites, causado pela expansão da Universidade. O professor também cita o fato de que os moradores de Brasília, de forma muito mais intensa na época em que ele chegou na cidade, mas até hoje, não conhecem o Distrito Federal, nunca foram na maioria das cidades satélites e não possuem interesse nisso. Luzimar aponta a relevância dessa descentralização nesse sentido e, também, em relação ao aumento da proximidade entre a UnB e a população do DF.

Uma outra coisa que eu achei extremamente importante para a universidade foi essa, vamos dizer seguinte, essa descentralização de campus. Você plantar um campus lá em Ceilândia, outro lá no Gama, outro lá em Planaltina, eu acho que você despertou as pessoas que a universidade está presente, que eu posso ter projetos com essa universidade, porque o Campus Darcy Ribeiro era um negócio assim meio, era meio, vamos dizer o seguinte, meio destinado a elite né.(...) esses *campi* fizeram muita gente do plano piloto conhecer a periferia do Distrito Federal. Porque as pessoas não conheciam o Gama, não conheciam Ceilândia, não conhecia Planaltina, conhecia só a fama. A fama dos perigos da Ceilândia, a fama dos perigos do Gama, dos perigos de Planaltina.(...) Mas aí não, as pessoas passaram a estudar, passou para fazer um curso de vestibular lá no Gama, começou a achar chato ir e voltar todo dia, alugou um apartamento lá com mais dois ou três colegas, ou seja, começou a conviver ali e a conhecer realmente.

Essa percepção traz novamente a relevância dos avanços ocorridos devido ao Reuni para a UnB e para o DF como um todo, apesar de ainda haver um longo caminho a percorrer.

Outro aspecto, dessa vez trazido por dois dos entrevistados, o professor Luzimar e a professora Débora, quando perguntados acerca do impacto da UnB no DF, é o de que a Universidade impacta toda a região central do Brasil e até outras regiões do país. Luzimar inicia sua fala em relação à relevância para os diversos setores do trabalho no DF, ressaltando que a UnB produz mão de obra de alta qualidade e, em seguida, relata

(...)avaliar mesmo o impacto da universidade aqui, no Distrito Federal, e acho que vai além tá? Acho que a gente pode ampliar isso para uma região maior um pouco.(...) o impacto é gigantesco, é gigantesco(...) eu acho que a gente poderia fazer uma outra pergunta com relação a isso: O que seria desse Brasil central sem a UnB? (Luzimar,2020)

O professor vai além em sua percepção e traz, em outro momento de sua fala, que fora do eixo sudestino de universidades federais (Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo), a Universidade de Brasília possui uma centralidade e uma visibilidade muito grandes.

Se a gente pensar que você tem o eixo USP-UNICAMP, as UNESP da vida ali em São Paulo, principalmente no interior(...) Depois no Rio, a Universidade Federal, as duas, tanto a Fluminense quanto a UFRJ. As PUCs, que também têm tanto em São Paulo quanto no Rio quanto em Belo Horizonte e a Universidade Federal de Minas Gerais (...) Fora esse eixo aí, a gente sempre olhava já para a UnB.(Gilmar,2020)

Por sua vez, a professora Débora também acredita que o impacto da instituição se estende para além do DF, incluindo as regiões norte e nordeste, ao menos em relação à sua área.

A importância dela não é só no Distrito Federal, no Centro-Oeste a importância da Universidade de Brasília é imensa, muito mais que no DF. Eu diria até em relação ao Norte e Nordeste. Acho que Sul e Sudeste não, mas a parte Centro-Oeste a universidade tem um papel muito importante. É a principal instituição que a gente tem no Centro-Oeste em termos de pesquisa, ensino e extensão é a Universidade de Brasília. (...) A gente recebe muitos alunos [das regiões norte e nordeste]. Não sei em todas as áreas, não posso dizer. Mas na Engenharia, a gente recebe muitos alunos. Inclusive, a gente tem professores do Norte e Nordeste que não têm doutorado, por exemplo, e acabam vindo pra cá. Então na Engenharia, a UnB tem um papel importante. O Centro-Oeste nem se fala, mas tem um papel importante no Norte e Nordeste, de formar pessoas que voltam, de trazer gente dessas regiões.

O relato da professora, além de corroborar com essa visão acerca da amplitude do alcance da UnB, traz também fatos que ancoram essa concepção e fortalecem sua concretude.

Para além dos dois professores citados, a experiência das entrevistadas Joana e Mariana também diz acerca dessa influência. Ambas moravam em regiões distantes do DF, Sul e Nordeste, respectivamente, e ambas enxergaram a Universidade de Brasília pelo mesmo motivo, a qualidade do curso de relações internacionais da instituição.

Todos esses fatos levam a crer que, de fato, a UnB possui um enorme impacto no cenário do ensino superior brasileiro, o que diz muito acerca do sucesso dos planos de Darcy e da qualidade da instituição, porém, certamente esse impacto não é apenas um reflexo das características da Universidade.

No primeiro tópico deste capítulo foi trazida a visão de que a cultura de universidades criada por Darcy Ribeiro com intenção de renovar o ensino superior no Brasil, até hoje não foi amplamente aplicada e, certamente, o largo impacto da UnB também possui alguma relação com isso.

A existência de instituições com renome em cursos específicos, superiores às mesmas cadeiras lecionadas em outras instituições, é algo comum, não necessariamente indica uma falha

na estrutura de ensino ou algo do tipo, porém, caso levemos em conta uma das falas da professora Débora, surgem outros questionamentos.

Hoje a UnB é forte em diversas áreas, que nem eu falo assim: ah, a gente aqui na mecânica, por exemplo, a gente não é top no Brasil, mas eu considero que a gente é forte. Acho que de uma forma geral a universidade teve uma renovação boa. Não sei se ela se consolidou da forma em que foi criada, aí eu já não sei. Talvez por ser capital, as primeiras pessoas que vieram tenham tido um incentivo bom para vir, que talvez tenha faltado em outras universidades de outras regiões. Eu não tenho como falar de outras áreas porque eu não conheço, mas olhando mais para a nossa área de Engenharia a gente vê que, no Centro-Oeste, a gente não tem outra instituição com a importância que a gente tem, e no Nordeste tem pouco (Débora, 2020)

Se a Universidade de Brasília não é uma das instituições “top” no curso de engenharia, o que leva estudantes e professores a procurá-la para cursar graduação ou doutorado na área? Seria um reflexo dessa não difusão do modelo de Darcy, que atrai acadêmicos para a Universidade? Seria uma desatenção com as instituições dessas regiões, que coloca a UnB à frente? Seriam esses motivos e mais? Ou nenhum deles? Essas dúvidas apontam para mais um tema observado na investigação do imaginário social da Universidade que deve ser destacado e, possivelmente, trabalhado em uma pesquisa robusta.

Por último, vale lembrar o distanciamento entre a Universidade de Brasília e a população do DF, trazido na primeira seção deste capítulo. Essa discussão também pode ser percebida como parte do impacto da Universidade no DF, devido aos desdobramentos que esse distanciamento gera até hoje.

A cientista política Paula percebe esse aspecto como desinteresse da instituição até hoje.

Eu continuo achando sim, depois de todos esses anos, que ela continua distante da sociedade. De que ela ainda é uma referência acadêmica, científica, de pesquisa, mas parece que não tem a intenção de estar inserida na sociedade. Eu acho bem distante. É tanto que essa questão da grade não mudou nada, nesses 15 anos, não mudou absolutamente nada. (Paula, 2020)

Nesta seção foi possível perceber que a centralidade da Universidade de Brasília é amplamente percebida, inclusive em aspectos negativos. A amplitude da área de alcance da Universidade, ressaltou o fato de que a Instituição, em todos os seus aspectos, possui extrema relevância e, ao mesmo tempo, gerou indagações acerca do contexto no qual ela está inserida.

### 3.4 A história da Universidade de Brasília

A sessão da história da UnB foi trazida para o questionário com o objetivo de perceber se os entrevistados possuem algum conhecimento acerca da história da Instituição e, caso possuam, qual parte de sua história é trazida.

Antes de iniciar as observações mais específicas acerca do que foi encontrado nessa grande área, é válido antecipar uma observação. Os pontos da história da Universidade escolhidos no segundo capítulo deste trabalho, se mostraram certos, pois, todos os pontos históricos trazidos pelos participantes estavam compreendidos entre eles. A partir disso, essa sessão será estruturada diferente das outras, partindo desses grandes pontos e trazendo o que foi dito acerca deles.

Entretanto, antes de trazer os pontos da história citados, é necessário trazer que três dos entrevistados não souberam apontar nenhum aspecto da história da UnB, a professora Débora, a ex-aluna Sofia e a estudante de Ensino Médio, Lídia. Cabe aqui o adendo de que apesar de não citar nenhum momento específico, a professora Débora disse enxergar a UnB como uma instituição que possui histórico de resistência. “Eu acho que a universidade é muito politizada e ela tem uma força política grande, e eu acho que ela tem esse histórico de bater de frente, que outras universidades não fazem.” (Débora, 2020)

Já sobre os assuntos trazidos por aqueles que mostraram um conhecimento sobre a história da UnB, o professor Luzimar, Robson e Joana recordam a importância e a beleza do plano original da Universidade de Brasília, dos ideais de Darcy Ribeiro, da época da construção da Universidade, de todos os aspectos que envolveram esse primeiro momento. Eles também observam os desdobramentos e as características da UnB que são consequência desse momento inicial de forma positiva. O professor Luzimar, por exemplo, concorda com José Geraldo de Souza Júnior, autor do prefácio do livro “Universidade de Brasília” (2012), ao dizer que “esse projeto foi coordenado por muito tempo pelo Darcy Ribeiro e não perdeu a sua essência. Então mesmo depois que veio a revolução de 64 e veio a ditadura, a universidade continuou com esse espírito.” (Luzimar, 2020) A presença desse momento da Universidade no imaginário dessas pessoas revela, de certa forma, um sucesso na tentativa de manter viva a essência da Instituição pensada por Darcy Ribeiro. Além disso, percebe-se que o fato de um dos três participantes que citou esse momento inicial ter desenvolvido uma conexão com este aspecto da história antes de

estabelecer relações institucionais com a Universidade, reforça a negação da hipótese acerca da visão daqueles que possuem ou não possuem vínculo institucional com a UnB.

O período da ditadura militar configurou uma surpresa em meio às análises, pois, a expectativa existente considerava este como um dos pontos mais prováveis a se lembrar acerca da história da Instituição, porém, apenas a entrevistada Paula o cita de forma direta ao ser questionada sobre a história da UnB. A entrevistada ressalta que a Universidade foi um centro de resistência da ditadura, no qual “tentaram defender ao máximo o que eles acreditavam, quando começaram a ter a censura ao que era dado em sala de aula(...) ela foi uma trincheira(...) eu acho que a UnB foi uma resistência e exerceu um papel fundamental na ditadura.”

O fato desse período não ter sido amplamente mencionado, além de uma surpresa, pode ser uma demonstração de um problema que, inclusive, pode ser uma das razões para a ascensão de um governo como o atual, o esquecimento da história do país, o esquecimento do sofrimento que uma ditadura representa, e da centralidade que este evento possui na nossa história atual.

A implementação das cotas na Universidade de Brasília e as mudanças realizadas pelo Reuni foram percebidas sempre em conjunto e trazidas como um ponto de mudança na história da Universidade, quase tão relevante quanto seu momento inicial. É possível perceber isso na fala de Robson que relaciona a diversidade no Campus diretamente com esses dois aspectos da história da Instituição. O arquiteto revela que prédios como o Instituto de Biologia, o Instituto de Química e os “amarelinhos”, foram todos trazidos pelo Reuni. Ele também cita o aumento na quantidade de cursos e, inclusive, lembra do impacto desses programas em outras instituições. Por fim, vale ressaltar que apenas Robson e Mariana citaram esses dois momentos em suas falas.

O fato de ter havido três pessoas que não foram capazes de citar momentos específicos da história da Universidade aponta para a necessidade de se reunir esforços para promover a história da Instituição. A UnB possui uma centralidade muito grande na história do DF e precisa ser lembrada, conhecida, inclusive, para que possa ser defendida. É necessário conhecer algo, conhecer sua história, para que se possa criar vínculos e identificação, aspectos fundamentais para o fortalecimento deste algo no imaginário social.

### 3.5 Universidade pública x faculdade particular

Essa sessão, como mencionado anteriormente, não estava prevista durante o processo de estruturação do questionário, porém, fez-se necessário introduzi-la, devido ao fato de que foi observada em quase todos os depoimentos.

O primeiro ponto a ser trazido vem do depoimento da ex-estudante Mariana, no qual ela fala que possuía um preconceito contra as faculdades particulares.

(...)o meu preconceito era, que na universidade particular os professores não eram tão bons, que era um ambiente... isso aí tipo assim, são coisas que você detecta, ninguém me disse isso diretamente, mas é algo que você vai pegando de um jeito bem amplo, ou do jeito que as pessoas criticam, de alguma indireta. Então, que os professores não eram tão bons, que os alunos eram muito ruins, que os alunos eram muito inferiores de uma universidade pública. Que a pesquisa que era feita não era boa, porque eram universidades muito focadas só no dar aula, e não na pesquisa. Que os professores não exigiam muito. (Mariana, 2020).

Além disso, Mariana traz a ideia de que aqueles que vão para a particular são os que não conseguiram passar na universidade pública, pelo menos de acordo com o seu pensamento enquanto cursava o Ensino Médio. Já a entrevistada Paula traz um ponto de vista diferente, no que diz respeito à entrada em faculdades particulares. Para ela, a dificuldade das provas não era uma questão, mas sim a distribuição dos horários que não possuem, até hoje, uma regularidade, tornando impossível que um aluno trabalhe com carteira assinada e estude na universidade. Paula traz isso como um desinteresse da universidade em se aproximar da população ao dizer que, depois de todos os anos que se passaram desde sua graduação, ainda hoje, a problemática do horário disperso das aulas não mudou e que isso aparenta ser um desinteresse da instituição em se inserir na sociedade.

Apesar desse ponto de discordância, as duas entrevistadas que possuem idades próximas, percebem a universidade pública como claramente superior à faculdade particular. Ao analisarmos o depoimento de Lídia, porém, é percebido um quadro muito diferente.

Dois aspectos principais em relação a este tema foram percebidos na entrevista de Lídia. O primeiro deles se mostrou quando a estudante foi indagada acerca da sua opção de estudar na UnB, ela justificou sua escolha pela impossibilidade de pagar por uma instituição particular e, quando interrogada sobre este ser o único motivo de sua escolha, Lídia confirmou, não citando nenhum outro aspecto da Universidade como decisivo. Já o segundo ponto foi o aspecto mais surpreendente de todo o processo de pesquisa, Lídia relatou que boa parte de seus colegas não

enxergam a Universidade de Brasília com bons olhos e romantizam a lógica de trabalhar para pagar os próprios estudos.

Aqui é importante ressaltar a diferença geracional existente entre a visão de Mariana e Paula acerca das instituições públicas e particulares e da visão de Lídia. Por mais que a entrevistada não compartilhe da visão dos seus colegas, o ponto de vista deles é oposto ao apresentado pelas duas outras participantes. Este, dentre todos outros aspectos trazidos até agora, é o que se mostra mais necessário debruçar sobre, visto que reverte a lógica anterior completamente. Este ponto de vista enxerga um ponto relatado por Paula como um processo difícil, de uma forma romantizada. É necessário se perguntar quem se beneficia desse ponto de vista? É evidente que estudantes periféricos não são os mais beneficiados por essa lógica. Quais processos levaram ao surgimento desse discurso? Qual o alcance dele?

Uma suposição que aqui se arrisca fazer é que também existe um claro recorte de classe. Apesar da diferença de idade, a entrevistada Sofia disse em sua entrevista nunca ter entrado em contato com um discurso negativo acerca da UnB por parte de quem quer que seja. É válido ressaltar que o contexto do qual Lídia fala é um colégio que incentiva seus alunos a ingressar em universidade pública, ressalta suas vantagens, e constrói uma imagem positiva da instituição, o que nos leva a outra questão. De onde vem esse discurso? O que construiu essa percepção desses alunos?

Outro aspecto que surgiu durante as entrevistas acerca dessa dicotomia e merece ser ressaltado, é a lógica mercantil, a lógica mercadológica que, segundo os depoimentos, permeia as instituições de ensino superior privadas e pode ser percebida de formas diferentes. A entrevistada Mariana cita essa como uma característica negativa, que afeta o ensino, facilita o processo de formação e não desafia os estudantes, pois, aquele que paga espera receber algo em troca, logo, a margem dada aos professores para reprovar ou desafiar seus alunos, é pouca.

Porque existe uma coisa transacional no ato de pagar. Existe uma expectativa sua, uma relação sua de consumidor. Então se eu tô (sic.) pagando, eu espero receber. E qual é a liberdade de um professor de cobrar, de te exigir muito, de te reprovar? E uma coisa que eu também peguei de uma maneira mais ou menos direta, ao longo dos anos, que a faculdade particular era muito parecida com o colégio. É a continuação de um colégio particular. Nesse sentido de ser um ambiente que te perdoa demais, que não te exige muito intelectualmente. De ser mais pobre, por não ter pesquisa, por não ter extensão. É um ambiente muito mais transacional. Hoje eu consigo dizer transacional, naquela época eu não conseguia. Mas era o preconceito que eu tinha. Quanto à universidade pública, não. Era um lugar que você ia ser desafiado intelectualmente, que você ia conhecer vários pontos de vista. (Mariana, 2020)

A existência dessa questão transacional é confirmada pela entrevistada Sofia em sua própria experiência e é percebida por ela de forma positiva, pois, quando se estabelece uma relação de pagamento, existe uma garantia de qualidade no serviço.

Então algo que eu senti muita diferença quando eu entrei para universidade particular. Lá eles te atendem como um cliente. Então eles fazem ao máximo para te responder o mais rápido possível (...) na universidade particular, se eu mandasse um email, eu era respondida no mesmo dia, porque eles estão atentos para resolver os seus problemas, porque você está pagando e se você não estiver satisfeito, você vai pagar para outro lugar. (Sofia, 2020)

Além disso, Sofia relaciona a falta de similaridade entre sua experiência na UnB e no ensino médio, como um fator negativo.

(...)quando eu entrei como caloura eu me senti completamente perdida e sem ninguém para pegar na minha mão e falar “ah não, você vai fazer isso... é desse jeito... pega esse caminho.” É muito diferente de quando a gente tá no Ensino Médio, no Ensino Fundamental que você só tem que chegar ali e ouvir as aulas e os professores estão ali pro que você precisar. E a coordenação pedagógica e os diretores da escola... Na Universidade é um pouco diferente. Então eu atribuo essa... digamos, que falta de acolhimento. Falta de acolhimento é a palavra. (Sofia, 2020)

Essa lógica de mercadoria, transacional como dito por Mariana, é percebida de formas opostas pelas duas entrevistadas, o que revela visões de mundo diferentes, pontos de partida diferentes, mas ambas as participantes relatam partir de um contexto abastado, sendo assim, o que delimita nesse caso a diferença? Seria uma questão geracional? De contexto? Arrisca-se assumir que algumas das respostas para essa diferença, provavelmente também serviriam como resposta para as questões levantadas pelo discurso de romantização trazido por Lídia.

Um ponto que vale observar sobre esses discursos que percebem a universidade pública de forma negativa é que eles também estão presentes no governo Bolsonaro, um governo que, assim como o de Temer, possui bases neoliberais, como aponta o professor Luzimar em seu depoimento.

(...)a gente vive um momento de questionamento de modelo das universidades. E nós sabemos que o governo que está aí não é um governo liberal, mas se diz liberal. E tem um ministro da economia que é um cara liberal, inclusive eu até classifico ele de neoliberal mesmo(...) essa onda que tem dentro dos governos, começou com o Temer, depois continuou com o governo atual, e tem pessoas agora que aderem a essa ideia de que as universidades custam muito e produzem pouco.

De acordo com Luzimar, existe uma relação entre a lógica neoliberal e os ataques às universidades. Esse aspecto possivelmente configura um ponto a se explorar para compreender a difusão de discursos como os citados por Lídia, porém, não é possível afirmar aqui categoricamente a relação direta entre esses discursos e o avanço de governos como o de Bolsonaro, porém, as coincidências não podem ser ignoradas e apontam para essa possibilidade. Caso seja um ponto realmente crucial para o entendimento dessas questões, resta compreender qual o papel que essa lógica possui na construção desses discursos e em que ponto eles se relacionam, através de que canais chegaram até, por exemplo, aos estudantes do CEM-03 da Ceilândia.

Este tópico deixa muito mais questões do que respostas, porém, apresenta uma possibilidade de relação direta com o próximo tópico, o que possivelmente revela um dos aspectos centrais para a compreensão do momento político atual, sua relação com a Universidade e da presença de discursos como os apresentados, no imaginário social da UnB.

### **3.6 A Universidade de Brasília e o momento atual**

A contextualização do contexto político atual já foi realizada no capítulo 2 deste trabalho, porém, o objetivo deste tópico é perceber como os entrevistados enxergam a Universidade de Brasília em relação a esse contexto. Neste tópico, todos os entrevistados contribuíram com as suas respostas, porém, apenas algumas serão trazidas aqui por serem mais significativas em relação ao objetivo do tópico.

Em relação ao contexto atual, Robson enxerga a questão orçamentária como algo cíclico. Para ele, como observou durante seu tempo na UnB, a Universidade passa por momentos de mais e menos investimentos e isso é normal. Apesar disso, ele cita os ataques às universidades e à produção intelectual como uma novidade, algo com que só teve contato no contexto atual.

Sobre isso, o professor Luzimar, que já havia citado em sua fala os ataques que as universidades vêm sofrendo, enxerga que eles não se direcionam às universidades em si, mas ao modelo de universidades públicas como um todo. Para ele, esses ataques significam o rompimento de uma barreira que abrirá espaço para que outras administrações além da bolsonarista também o questionem.

Eu penso que, isso daí não só UnB, mas também as universidades que são mantidas com o recurso federal, ou seja, esse modelo de universidade federal que nós temos, ela será muito questionada nos próximos anos. Eu vou até dizer que não é só por essa corrente política que tá aí hoje não tá? Eu diria que até o que vai vir pela frente vão (sic.) aproveitar esse momento(...) (Luzimar, 2020)

O professor acredita que a maior parte das pessoas enxerga as universidades públicas com maus olhos, poucos compartilham de um ponto de vista positivo acerca das instituições. Ele atrela essa imagem negativa a falhas pontuais das universidades que são percebidas erroneamente pelas pessoas como um retrato de sua totalidade. Sendo assim, ele acredita que a melhor forma de combater os ataques sofridos é a melhoria dos indicadores das instituições, resultado do trabalho dos docentes.

Já Mariana, em sua fala, atribui os ataques à despolitização da nossa sociedade, ao enfraquecimento de instituições como sindicatos, e à lógica de sociedade capitalista proposta pelo governo atual. Ela enxerga a universidade pública nesse contexto como um local de resistência, um dos últimos em que as pessoas se organizam politicamente e onde o conhecimento tem mais independência. Mesmo assim, ela demonstra preocupação em relação ao efeito negativo desses ataques.

Mas eu acho que a Universidade é um dos últimos bastiões de resistência. Muito honesta...resistência anticapitalista, resistência de produção de conhecimento, resistência de organização política, porque a gente vive em uma sociedade cada vez mais apolitizada... enfraquecimento dos sindicatos... e eu acho que a universidade é um lugar em que as pessoas ainda se organizam politicamente, ainda sem uma agenda. Porque querendo ou não a gente ainda tem uma independência das universidades, e isso é muito difícil, cara. Isso você só consegue com universidade pública e com universidade que não é patrocinada(...) Então eu acho que nesse sentido, é um dos últimos bastiões. Mas eu sinto que esses ataques vão desgastando, vão esvaziando as universidades. Eu acho que ainda tem muita vida, de que é muito vibrante (...) Mas eu me preocupo muito, porque até qual momento essa erosão que eu percebo vai realmente começar a cortar no osso, entendeu? A gente vai tirar os anéis e vai começar a dar os dedos, entendeu? (Mariana, 2020)

Essa percepção da universidade como um local de resistência também está presente na fala de Paula, porém, a cientista política alega perceber uma tendência à neutralidade por parte da reitora e dos professores como forma de autopreservação, de preservação da Universidade, uma forma de evitar conflitos internos e externos, a despeito de seu histórico de resistência e posicionamento.

Então eu vejo sempre os reitores com receio, e o corpo docente com receio de se posicionar para não gerar ainda mais conflitos internos. E o reitor também não perder o seu cargo, porque podem tirar ele caso ele venha a entrar em rota de colisão com quem o nomeou. E aí cortar recursos,

podem deixar de destinar recursos para aquela universidade, se ele está se desentendendo com o Ministro ou com o Presidente, então eu vejo uma tentativa de neutralidade lá dentro para não gerar conflito entre professores e alunos, e conflitos com relação a gestão e administração, para não perder recursos e perder cargo. (Paula, 2020)

Apesar disso, Paula enxerga que a Universidade de Brasília possui um papel central neste cenário de disputa, justamente pelo fato de tensionar os saberes, percepção que corrobora com a conclusão trazida nesta pesquisa, a partir do trabalho de Michel Foucault.

Sendo assim, é possível perceber a partir deste tópico que todos os entrevistados reconhecem a existência e a gravidade dos ataques que a Universidade vem sofrendo, apesar de possuírem algumas divergências acerca da razão destes ataques e da forma de combatê-los. As considerações aqui trazidas também podem ser percebidas como aspectos relevantes para compreensão do imaginário social da Universidade de Brasília como um todo. E o fato de que nenhum dos entrevistados apresentou uma opinião negativa sobre a Universidade, mesmo reconhecendo a ascensão desse tipo de discurso, também pode ser visto como um indicador das limitações da abordagem utilizada, reforçando a necessidade de uma pesquisa mais robusta para o entendimento mais aprofundado deste imaginário.

Antes de aceder à finalização deste capítulo, é necessário apresentar a reflexão obtida acerca das duas hipóteses iniciais. A primeira delas, sobre as três instâncias da universidade (docentes, técnicos administrativos e alunos), não foi abordada em nenhum dos tópicos, porém, foi aferida na pesquisa por meio da comparação entre os pontos de vista dos participantes do grupo dos vinculados à Universidade. A partir dessa comparação, é possível dizer que não existe grande diferença entre os pontos de vista definida apenas por esse aspecto, devido ao fato de que os participantes desta categoria apresentaram diversos pontos de vista em comum. A segunda delas, que diz acerca da diferença de pontos de vista entre os que possuem vínculo dos que não possuem vínculo com a UnB, foi abordada ao longo dos tópicos e foi percebido que a presença ou ausência de vínculo com a Instituição não é uma boa característica para se utilizar como divisor entre discursos opostos.

De acordo com o que foi citado no início deste capítulo, seriam retirados das falas individuais pontos de vista generalistas, ou seja, que podem representar a opinião de outros além do entrevistado em questão. Dessa forma, é válido ressaltar que os tópicos trazidos em cada uma das áreas de questionamento configuram um aspecto do imaginário social da Universidade de Brasília.

Algumas características dos imaginários apresentadas no primeiro capítulo deste trabalho também puderam ser observadas em meio às análises realizadas neste capítulo. Tal fato possui relevância de reforçar os pontos de vista apresentados e exemplificá-los de forma concreta.

Por último, é necessário dizer que as conclusões e observações aqui trazidas dizem respeito apenas ao início da percepção deste imaginário. Este capítulo se fecha com muito mais dúvidas do que respostas, mas isso não representa um problema, pois, algumas características e direcionamentos eram justamente aquilo que buscávamos. Encontrar algumas questões e perceber quais delas se mostravam mais pulsantes do que outras, ou seja, mais na superfície dos imaginários, apesar de não ser muito, serve para dar indícios acerca da possível configuração dos discursos e saberes no contexto atual, é o suficiente para indicar um norte no caminho para uma futura pesquisa da arqueologia do imaginário social da UnB.

## CONCLUSÃO

O esforço realizado no primeiro capítulo deste trabalho foi fundamental para a compreensão da importância dos imaginários e de sua relação com as disputas políticas, tão centrais no momento atual em que o país e conseqüentemente, a UnB, atravessam. Em meio a esse processo, se deu o maior desafio do presente trabalho, a compreensão e elaboração dos conceitos arqueológicos de Michel Foucault. A abordagem do autor acerca da importância dos discursos, enunciados e saberes certamente foi o ponto fundamental para a reafirmação dos objetivos desse trabalho, a compreensão de que os saberes são diretamente relacionados à lógica de poder foi reveladora para a compreensão dos recorrentes ataques com os quais a Universidade vem sofrendo. Foi possível concluir, a partir desse entendimento, que não se tratam apenas de ataques isolados a instituições como a UnB, mas de uma mudança na própria estrutura de dominação que, ao se modificar, exige que os saberes e as instituições que deles tratam, também sejam modificados. Tal percepção trouxe mais força à necessidade de resistência de centros de ensino como a UnB, compreendendo-os como estruturas que seguram o tecido político-social, preservando tradições e saberes que são caros à uma existência digna em sociedade.

Revisitar aspectos da história da Universidade serviu como confirmação das conclusões tiradas do primeiro passo do trabalho, pois, durante o processo foi percebido o papel central que a Universidade de Brasília possuiu dentro das disputas de poder, principalmente durante o período ditatorial. A importância da Instituição nesse período já era algo esperado, porém, os fatos encontrados excederam as expectativas existentes.

A percepção dessa relevância histórica, principalmente em seu período de formação e durante o período ditatorial leva a duas conclusões. A primeira delas relacionada à necessidade de identificação entre a instituição universidade e a população que a circunda no caminho para a consolidação dessa Instituição e de seu fortalecimento. Já a segunda, percebe que o resgate e a reformulação dos valores iniciais da Instituição são talvez um dos caminhos possíveis para se gerar essa identificação, tanto dentro de suas paredes, quanto fora delas. Esse resgate não diz respeito apenas aos valores iniciais da Instituição, mas também à sua história, sua importância na disputa política nacional e sua resistência.

Tal resgate pode ser realizado inicialmente através de ações internas que busquem fortalecer o senso de comunidade dentro da instituição, tais como a criação de um museu histórico da Universidade de Brasília, que reavive seus objetivos iniciais e os readapte à realidade atual com destaque para o ideal de retorno e conexão com a sociedade do DF. Também é possível pensar em uma matéria universal obrigatória que trate desses aspectos da

Universidade em todos os cursos ofertados, não excluindo a ideia do museu, que, inclusive, pode funcionar em conjunto com a disciplina.

A aproximação entre os diversos setores da instituição e a comunidade acadêmica, visando resolver os seus problemas e pensar seu avanço e sua manutenção coletivamente, assim como Darcy pregava em seu projeto inicial, também pode ser uma ação próspera no caminho de crescimento e expansão da Universidade. A comunidade acadêmica possui todo o potencial necessário para melhorar a Universidade de Brasília em todos os aspectos e resolver certos problemas internos que, certamente, caracterizam empecilhos para a expansão e aproximação da instituição com a sociedade. Pensando na urgência de expansão e aumento da abrangência da Universidade, é necessário que a instituição se organize e se estabeleça internamente para que possa levar para fora de seus limites a qualidade do que produz, logo, tais ações internas também trabalham, indiretamente, para uma expansão do alcance da instituição.

No terceiro passo, um dos aspectos percebidos diretamente relacionados com essa compreensão histórica, foi o da quase ausente menção ao período ditatorial. Dadas as proporções do trabalho e reconhecendo todas as suas limitações, é interessante perceber como um período tão central na história da Universidade não é percebido ou lembrado. Essa é uma questão resultante de diversos fatores, inclusive fatores que não dizem respeito apenas ao universo da instituição UnB, mas de todo o cenário político social do país, porém, levando em conta a proximidade dos participantes da pesquisa em relação à instituição, é possível concluir a necessidade de um resgate e de uma promoção mais ostensiva dessa história, uma veiculação de tais aspectos que de fato atinja a comunidade acadêmica, este é definitivamente um dos possíveis caminhos percebidos a partir deste trabalho como necessário para o enfrentamento dos ataques recorrentes à Universidade. A dimensão do poder político de uma universidade inserida em um contexto político-social onde a comunidade que a circunda possui identificação direta com ela, é gigantesca, essa é uma das conclusões centrais da segunda seção deste trabalho.

Por mais que o contexto seja adverso e a Universidade tenha suas possibilidades de ação limitadas, a apropriação desse discurso, dessa história, possui grande potencial de fortalecimento de reivindicações e lutas e é algo possível de se realizar mesmo levando em conta o contexto atual, pois não requer grandes mudanças estruturais. Mas, para isso, ainda se

faz necessário um entendimento maior acerca da relação da comunidade acadêmica como um todo e a instituição, sendo assim, a contribuição deste trabalho nesse sentido é apontar esse direcionamento para possíveis ações futuras. Antes da realização de ações nesse sentido, é necessário compreender de forma mais ampla questões como: esse distanciamento aqui observado é uma realidade realmente ampla? Realmente se configura como uma característica da comunidade acadêmica da Universidade de Brasília? Caso exista, o que causa esse distanciamento? Como essas pessoas de fato enxergam a Instituição? Qual parcela dessa problemática diz respeito à instituição e qual diz respeito à comunidade em si? Quais outros atores sociais possuem parte nessa questão? Essas são algumas questões que podem embasar uma investigação futura de um aspecto tão fundamental para o entendimento e enfrentamento do contexto atual.

É interessante perceber que, no início do processo de desenvolvimento do presente trabalho, o aspecto que o embasava e movia majoritariamente era o desejo de proteger a instituição. Os ataques que atingem até hoje a Instituição eram percebidos apenas como injustos, mentirosos e parte de uma movimentação anti-intelectual difícil de ser compreendida. Aqueles que aderem a um ponto de vista eram percebidos apenas como ignorantes, descolados da realidade pelo fato de aderirem a discursos tão absurdos.

Porém, foi percebido que existem aspectos da realidade que de fato contribuem para a adesão a discursos como esses, aspectos inclusive que partem da própria estrutura atual da Universidade. As dificuldades de acesso e o distanciamento existente entre a Instituição e a sociedade do DF é, talvez, um fator que contribui para a existência de tais discursos.

A dinâmica existente entre a UnB e os diversos acontecimentos atuais foi percebida de forma mais complexa ao longo da construção deste trabalho e tal percepção levantou questões que certamente devem configurar uma pesquisa mais aprofundada e abrangente e, até mesmo, uma arqueologia acerca do imaginário social da Universidade.

Conclui-se a partir disso, que é necessário compreender esses discursos, quais eles são, quem são as pessoas que os divulgam e que com eles se identificam, além de entender os motivos pelos quais eles encontram adesão. Estabelecer uma postura de compreensão desses discursos é, provavelmente, um dos melhores caminhos para que se possa desconstruí-los e,

enfim, gerar uma aproximação com a Instituição e até mesmo melhorar as próprias dinâmicas existentes dentro da Universidade. É necessário também perceber as falhas da Instituição em relação a essas questões e promover maiores debates sobre tais falhas dentro da própria Instituição.

Além disso, é possível perceber a partir do presente trabalho, que apesar de toda a adversidade e hostilidade presente no momento político atual em relação à Universidade de Brasília, o deslocamento gerado pelas mudanças realizadas pelo governo atual, foram em certo ponto positivos, na medida em que deslocaram saberes, discursos e instituições que anteriormente eram compreendidos como consolidados, o que expôs alguns defeitos e problemas existentes nesses próprios discursos e nessas instituições.

Essa exposição, apesar de perigosa, pode ser compreendida como uma oportunidade de análise, de reflexão acerca dessas instituições, um momento que possibilita a geração de conclusões e proposições importantes para o fortalecimento e para a real consolidação dessas instituições. É um momento propício para se identificar problemáticas e se fortalecer a partir delas, gerando ações que possam consolidar tais instituições no imaginário social, fazendo com que ataques como esses no futuro, não possuam tanto impacto na UnB ou em outras universidades públicas.

É possível compreender esse ponto de vista como algo utópico, distante da realidade, porém, apenas o esforço de se começar a compreender tais questões a partir de um ponto de vista de preservação dessas instituições, já se configura como algo potente no caminho da resistência e do enfrentamento frente a discursos opostos.

Foi exatamente a esse propósito que o presente trabalho buscou servir, porém, sem a pretensão de compreender a problemática em sua totalidade, mas de perceber alguns caminhos possíveis dentro de um processo de compreensão mais amplo, o que de fato foi alcançado. O presente trabalho conclui-se com poucas questões respondidas e deixa diversas questões em aberto acerca do tópico explorado, questões estas que configuram solo fértil para o desenvolvimento de trabalhos mais complexos, com entendimentos mais abrangentes envolvendo este mesmo tópico, o imaginário social da Universidade de Brasília, trabalhos que possam, inclusive, gerar soluções concretas e realistas para a defesa dessa instituição.

Por último, é interessante observar como mesmo em um universo de análise tão reduzido e, de certa forma, tão homogêneo, devido a especificidades da metodologia utilizada, já foi possível enxergar certas discussões que, provavelmente, se localizam de forma central na formação do imaginário da Universidade de Brasília no contexto político social do ano de 2020.

## REFERÊNCIAS

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. 7ed. - Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

SIQUEIRA, Vinicius. **Foucault e a Arqueologia**. Mauá: Edição Colunas Tortas, 2016. Paginação Irregular.

BACZKO, Bronislaw. **A imaginação social** In: Leach, Edmund et Alii. *Anthropos-Homem*. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.

MORIN, Edgar. **O Método IV, As Ideias: a sua natureza, visa, habitat e organização**. Ed.106063/5706. Portugal: Publicações Europa-América, LDA., 1991

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo? E outros ensaios**. Chapecó: Argos, 2009.

ASSIS, Daniele de Assis. *Cobertura jornalística versus midiativismo: a disputa de narrativas da Ocupa UnB. 2018. 25f. Trabalho de conclusão de curso – Universidade de Brasília, 2018.*

OLIVA, Luciana Menezes. *Sistema de Cotas na Universidade Pública Brasileira: Avaliação da experiência da UnB após a lei 12.711/12. 2020. 93f. Dissertação de Mestrado – Universidade de Brasília, 2020.*

RIBEIRO, Darcy (org.). **Universidade de Brasília**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2012.

GIACOMONI, M. P.; VARGAS, A. Z. **Foucault, a Arqueologia do Saber e a Formação Discursiva**. Veredas on line -Análise do discurso. Juiz de Fora. P. 119-129 – PPG LINGUÍSTICA/UFJF. 2/2010

MCCRACKEN, Grant. *The Long Interview*. Estados Unidos: Sage Publications, 1998.

BARRA 68 – Sem Perder a Ternura. Direção de Vladimir Carvalho. Brasília: Folkino, 2000. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=nzq913Eu7i4&t=2269s>>. Acesso em: 22/11/2020.

IMAGINÁRIO. *In*: MICHAELIS, Dicionário da Língua Portuguesa. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=imagin%C3%A1rio>>. Acesso em: 13/11/2020

IMAGINÁRIO, *In*: Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2020, <<https://dicionario.priberam.org/imagin%C3%A1rio>>. Acesso em 13/11/2020.

BIOGRAFIA Darcy Ribeiro. **Academia Brasileira de Letras**, 2020. Disponível em: <<https://www.academia.org.br/academicos/darcy-ribeiro/biografia#:~:text=Darcy%20Ribeiro%2C%20antrop%C3%B3logo%20educador%20e,17%20de%20fevereiro%20de%201997>> . Acesso em: 22/11/2020

INVASÕES históricas. Universidade de Brasília, 2020. Disponível em: <<https://www.unb.br/a-unb/historia/633-invasoes-historicas?menu=423>>. Acesso em: 22/11/2020

GARONCE, Luiza. Universidade de Brasília tem mais estudantes negros que brancos. **G1**, DF, 07/11/2017. Distrito Federal. Disponível em: <<https://g1.globo.com/distrito-federal/noticia/universidade-de-brasilia-tem-mais-estudantes-negros-que-brancos.ghtml>>. Acesso em: 22/11/2020

VELOSO, Serena. Aprovação das cotas raciais na UnB completa 15 anos. **UnB Notícias**, Distrito Federal, 06/06/2018. Institucional. Disponível em: <<https://noticias.unb.br/76-institucional/2319-aprovacao-das-cotas-raciais-na-unb-completa-15-anos>>. Acesso em: 22/11/2020

SININMBÚ, F.; JADE, L. Saiba o que muda com a aprovação final da PEC do Teto dos Gastos Públicos. **Agência Brasil**, Brasília, 13/12/2016. Política. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2016-12/saiba-o-que-muda-com-aprovacao-final-da-pec-do-teto-dos-gastos-publicos>>. Acesso em: 22/11/2020

ROSSI, Marina. PEC 241: Com quase 1.000 escolas ocupadas no país, ato de estudantes chega a SP. **El País**, São Paulo, 27/10/2016. Brasil. Disponível em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2016/10/24/politica/1477327658\\_698523.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2016/10/24/politica/1477327658_698523.html)>. Acesso em: 22/11/2020

GORTAZAR, Naiara Galarraga. Cortes e ataques às universidades públicas catalisam mobilização contra Bolsonaro. **EL País**, São Paulo, 14/05/2019. Brasil. Disponível em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2019/05/11/politica/1557603454\\_146732.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/05/11/politica/1557603454_146732.html)>. Acesso em: 22/11/2020

JUCÁ, B.; BENITES, A.; MOURA, C. Cortes da Educação despertam as ruas contra Bolsonaro. **El País**, São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília, 16/05/2019. Brasil. Disponível em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2019/05/15/politica/1557950158\\_551237.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/05/15/politica/1557950158_551237.html)>. Acesso em: 22/11/2020

JUCÁ, Beatriz. Cortes de verbas desmontam ciência brasileira e restringem pesquisa a mais ricos. **El País**, São Paulo, 09/09/2019. Brasil. Disponível em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2019/09/03/politica/1567542296\\_718545.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/09/03/politica/1567542296_718545.html)>. Acesso em: 22/11/2020.

BOLSONARO chama manifestantes de ‘idiotas úteis e massa de manobra’ e recebe críticas. **G1**, 15/05/2019. Jornal Nacional. Disponível em: <<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2019/05/15/bolsonaro-chama-manifestantes-de-idiotas-uteis-e-massa-de-manobra-e-recebe-criticas.ghtml>>. Acesso em: 22/11/2020

PROMULGADA Emenda Constitucional do Teto de Gastos Públicos. **Senado Notícias**, Brasília, 15/12/2016. Congresso. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2016/12/15/promulgada-emenda-constitucional-do-teto-de-gastos>>. Acesso em: 22/11/2020

BRASIL. Lei nº 3.998, de 15 de dezembro de 1961. Autoriza o Poder Executivo a instituir a Fundação Universidade de Brasília, e dá outras providências. Brasília: Presidência da República [1961]. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/1950-1969/13998.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1950-1969/13998.htm)>. Acesso em: 22/11/2020.

*Charles Hermite* in Infopédia [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2020. Disponível na Internet: <[https://www.infopedia.pt/\\$charles-hermite](https://www.infopedia.pt/$charles-hermite)>. Acesso em: 10/12/2020.

O PARÁÍSO perdido (Temporada única, ep.1). O Brasil de Darcy Ribeiro (minissérie).  
Direção: Ana Maria Magalhães. Produção: Diogo Dahl. Kinotv LTDA, 2013. Disponível em:  
< <https://tvbrasil.ebc.com.br/o-brasil-de-darcy-ribeiro/episodio/o-paraiso-perdido>>. Acesso em  
22/11/2020.